



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ**  
**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL**  
**INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS- ICH**  
**FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO- FAGED**  
**CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

**MILENE DHEISE MENDES RODRIGUES**

**EDUCAÇÃO SUPERIOR E ASSISTÊNCIA ESTUDANTIL EM CONTEXTO**  
**PANDÊMICO:**  
**VOZES DE ESTUDANTES DO CURSO DE PEDAGOGIA, DA UNIFESSPA, EM**  
**MARABÁ, PA**

**MARABÁ/PA**  
**2022**

MILENE DHEISE MENDES RODRIGUES

**EDUCAÇÃO SUPERIOR E ASSISTÊNCIA ESTUDANTIL EM CONTEXTO  
PANDÊMICO:  
VOZES DE ESTUDANTES DO CURSO DE PEDAGOGIA, DA UNIFESSPA, EM  
MARABÁ, PA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Pedagogia da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará –UNIFESSPA, Campus de Marabá, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura Plena em Pedagogia.

**Orientador:** Prof. <sup>o</sup>Dr. Tiese R. Teixeira Júnior.

**MARABÁ/PA  
2022**

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará**  
**Biblioteca Setorial Josineide da Silva Tavares**

---

R696e Rodrigues, Milene Dheise Mendes Rodrigues  
Educação superior e assistência estudantil em contexto pandêmico:  
vozes de estudantes do curso de Pedagogia, da Unifesspa, em Marabá, PA  
/ Milene Dheise Mendes Rodrigues. — 2022.  
77 f.

Orientador (a): Tiese Teixeira Júnior.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Campus Universitário de Marabá, Instituto de Ciências Humanas, Faculdade de Ciências da Educação, Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, Marabá, 2022.

1. Ensino superior - Brasil. 2. COVID-19 (Doença). 3. Estudantes - Programas de assistência. 4. Professores – Formação. 5. Universidades e faculdades públicas - Programas de assistência. 6. Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. I. Teixeira Júnior, Tiese, orient. II. Título.

---

CDD: 22. ed.: 378.81

Elaborado por Miriam Alves de Oliveira – CRB-2/583

MILENE DHEISE MENDES RODRIGUES

**EDUCAÇÃO SUPERIOR E ASSISTÊNCIA ESTUDANTIL EM CONTEXTO  
PANDÊMICO:  
VOZES DE ESTUDANTES DO CURSO DE PEDAGOGIA, DA UNIFESSPA, EM  
MARABÁ, PA**

Banca Examinadora:

Profº. Dr. Tiese R. Teixeira Jr

Orientador

---

Profº. Dra. Danielly Brito de Oliveira  
Examinadora Externa- IEX-Faled / Unifesspa

---

Profa. Dra. Letícia Souto Pantoja  
Examinadora Interna- Faced / Unifesspa

---

Marabá, Pa, 13 de junho de 2022  
Às 18h

## DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a minha família, meu esposo, meu filho e minha mãe que confiaram e acreditaram em meu sucesso, me fortalecendo a permanecer. As minhas amigas, que estiveram comigo, seguindo nos momentos bons e difíceis. A todos que estiveram comigo em todas as etapas, sem vocês minha trajetória não seria a mesma.

## **AGRADECIMENTOS**

Destino meus sinceros agradecimentos às pessoas que contribuíram em minha trajetória acadêmica, sendo elas:

Início meu agradecimento ao meu esposo Éderson que sempre esteve ao meu lado, apoiando-me e auxiliando-me nos trabalhos acadêmicos, permanecendo de forma afetuosa, com energias positivas, seguido com a luz da minha vida, meu filho Edgar, que mesmo pequeno, emanou sua energia pura e amorosa, mostrando que desistir não trata-se de opção, a responsável por me dá a vida, me fazendo almejar e conquistar os objetivos, à minha mãe Deusilene, ensinando-me que ser mãe e mulher solo, não definem como menos capazes, criando duas filhas, que hoje são universitárias, sonho esse conquistado por motivações e incentivos seus, à minha avó Antônia, que contribuiu em minha criação, mesmo sendo analfabeta, ensinou a ler o mundo com um olhar terno, buscando o bem em todos, aos meus tios maternos Benedito (Bené) e Luís (Bibi) que desempenharam o papel de pai, não deixaram de me ampararem, mesmo de longe, a minha tia Deusenir, compondo um papel de suma importância em minha educação, não podendo deixar de agradecer a minha irmã Milena, que sempre me assistência, ficando com meu filho quando preciso, ao meu padrasto Sotero que participou de boa parte de minha trajetória, acolhendo-me como filha.

Agradeço aos professores que participaram de minha formação acadêmica no decorrer dos 4 anos de curso, os aprendizados adquiridos, as relações carinhosas aos amigos de curso, destacando-as, Valéria, uma amizade que ultrapassa os muros da universidade, estando comigo nos momentos desafiadores do curso, minha amiga Grace, amiga que a Matemática me deu, que levarei para a vida toda, como também Raquel e Thanaka que são pessoas importantes para mim.

Agradeço profundamente ao professor Drº e orientador Tiese R. Teixeira Jr, por colaborar e amparar-me em todo o processo de criação e desenvolvimento do TCC, apresentando-se a disposição sempre que necessário de forma amorosa, não desamparando-me nesta etapa importante.

A todas as pessoas que em algum momento colaboraram, como os entrevistados que permitiram subsidiar a pesquisa, e demais que me guiaram até o fim desta jornada.

Os saberes docentes são temporais, plurais e heterogêneos, personalizados e situados, e que carregam consigo as marcas do seu objeto, que é o ser humano. (TARDIF, 2012, p. 269)

## RESUMO

Este trabalho de Conclusão de Curso é resultado de uma pesquisa que buscou compreender e revelar as perspectivas da formação dos estudantes do curso de Pedagogia, da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, campus I de Marabá/PA, com base em suas representações, desafios e trajetórias, frente às políticas de assistencialização ofertadas aos graduandos(as) da referida Instituição de Educação Superior, em contexto da pandemia da Covid-19, bem como, diferentes concepções norteadoras pautadas na formação profissional. No aspecto metodológico foi adotado um estudo qualitativo, a partir de pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo através de entrevistas abertas com estudantes da instituição. Teoricamente dialogamos com Tardif (2012) entre outros. Constatando-se por meios das entrevistas que os agentes sociais envolvidos têm particularidades distintas, logo, dispõem de formações profissionais específicas. Deste modo, infere-se, a magnitude de se estudar as políticas educacionais nas IES, para permanência e conclusão dos graduandos, buscando minimizar as problemáticas enfrentadas pelos mesmos.

**Palavras-chave:** Educação; Pandemia; Assistência Estudantil; Amazônia.

## ABSTRACT

## LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

**BNCC-** Base Nacional Comum Curricular

**CEO-MEC-** Comitê Operativo Emergencial do Ministério da Educação

**CIEE-** Centro de Integração Empresa-Escola

**Consepe-** Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão

**CPT-** Comissão Pastoral da Terra

**CPU-** *Central Processing Unit*

**Daie-** Diretoria de Assistência e Integração Estudantil

**IES-** Instituição de Ensino Superior

**IFEs-** Institutos Federais de Ensino Superior

**LDB-** Lei de Diretrizes e Bases da Educação

**MEC-** Ministério da Educação

**Mobex-** Mobilidade Externa

**MST-** Movimento Sem Terra

**PDI-** Plano de Desenvolvimento Institucional

**Pnaes-** Programa Nacional de Assistência Estudantil

**Pnera -** Pesquisa Nacional da Educação na Reforma Agrária

**PPC-** Projeto Político Pedagógico

**PPI-** Projeto Político Institucional

**Proex-** Pró- Reitoria de Extensão e Assuntos Estudantil

**Pronera -** Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária

**SAE-** Sistema de Assistência Estudantil

**Unifesspa –** Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>2. APROXIMAÇÃO DO TEMA</b> .....	13
<b>3.CONTEXTUALIZAÇÃO</b> .....	27
<b>4. SOBRE A EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA</b> .....	35
<b>5. METODOLOGIA</b> .....	43
a. Fundamentos da Pesquisa .....	43
b. Procedimentos e Etapas da Pesquisa .....	45
c. Participantes do Estudo .....	46
d. Contexto da Pesquisa .....	46
e. Local da Pesquisa.....	47
f. Procedimento de Tratamento e de Análise dos Dados .....	47
<b>6. ANÁLISE DE DADOS E DISCUSSÃO</b> .....	48
6.1. A trajetória dos estudantes entrevistados .....	48
6.2. A representação do curso de Pedagogia .....	52
6.3. Desafios .....	56
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	59
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	65
<b>APÊNDICE-1</b> .....	68
<b>ANEXOS</b> .....	74

## 1. INTRODUÇÃO

Com a pandemia da Covid-19, a realidade humana mudou, todos os indivíduos tiveram que se reinventar, encontrar novas maneiras para desenvolver seu cotidiano, para permanecer vivenciando suas novas realidades, em um momento pandêmico, onde tudo se é novo, os hábitos e a forma de se enxergar no mundo, no cotidiano e nas ações que os envolvem como indivíduo, todos tiveram que transcender obrigatoriamente, não foi opcional, você não escolhe se quer usar máscara para ir ao supermercado, você tem que usá-la, você não escolhe nada que envolva o bem-estar do outro, muito menos o seu, para o bem comum, tudo que for necessário fazer para viver, você tem que fazer, é a vida de todos que estão envolvidas. Seguimos aceitando, seguimos respeitando, seguimos vivos.

Desta forma, as mudanças tiveram que ocorrer e na educação não poderia ser diferente, as instituições de ensino, os professores, os alunos e toda a comunidade, precisaram encontrar uma atual forma de atuar e assim prosseguir, pois o que aprendemos é que devemos continuar aprendendo, estudando e pesquisando.

Assim, todas as instituições educacionais, públicas ou privadas, tiveram que se reinventar no ensino, pensando no bem comum, as aulas presenciais não podem ocorrer nas instituições públicas como está ocorrendo nas privadas, porém, o ensino teve que ser adaptado a vigente atualidade, todos os responsáveis pela educação precisaram pensar maneiras que abrangessem todos os alunos, em suas diferentes realidades e na Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, UNIFESSPA, não foi diferente, buscaram medidas que abrangessem todos os discentes para um ensino remoto, porém, os recursos não são para todos, para beneficiar e ser justo, os alunos tiveram que passar por um processo seletivo, que comprovasse a vulnerabilidades dos candidatos, todavia, analisando as particularidades, podemos inferir que ainda há um grande percentual de discente que não conquistaram os recursos digitais ou a assistência prestada, havendo diferentes fatores que podem nortear a presente pesquisa, porém, centraremos no curso de Pedagogia, da turma 2018, do campus de Marabá, estado do Pará.

O objeto de análise deste trabalho é a fala de estudantes de graduação do curso de Pedagogia, turma 2018 da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. O objetivo é buscar compreender os desafios vividos por estes estudantes no período da pandemia da Covid-19, no tocante ao acesso às políticas de assistência estudantil e ao ensino remoto colocado em curso pela referida instituição. Metodologicamente faz-se uso da pesquisa qualitativa.

Quais e quantos discentes foram assistidos pelo programa prestado pela instituição de ensino superior da presente turma? Quais discentes não realizaram e por qual motivo não pleitearam as assistências prestadas pela instituição? Quais os fatores que podem ser responsáveis pela não assistência dos referidos alunos? São questionamentos como esses, que fundamentarão a presente pesquisa, partindo da realidade vivenciada em sala de aula, através de apontamentos apresentados pelos discentes, quando questionado sobre os recursos digitais que os mesmos dispõem, pois há uma parcela de discentes que não possuem notebook, internet de qualidade, ou até mesmo um celular “apropriado” para utilizar nas aulas síncronas e assíncronas.

Para subsidiar os problemas e os questionamentos apresentados, destino os seguintes objetivos com o intuito de apresentar e analisar a realidade dos discentes de Pedagogia 2018 da UNIFESSPA, do lócus de Marabá Pará, e como se encontram em vulnerabilidade socioeconômica, impossibilitando-os de adquirirem as ferramentas e os recursos de estudos necessários, além de abordar como a falta dos recursos interferem gradativamente aos discentes, mais adiante, identificar quais recursos os discentes possuem para desenvolvimento dos trabalhos acadêmicos, a fim de definir as características que tornam a falta desses recursos uma problemática aos discentes.

O trabalho está dividido em seis capítulos: o primeiro capítulo trata da introdução, o segundo é a aproximação do tema, o terceiro é a contextualização, o quarto apresenta aspectos da educação contemporânea, o quinto a metodologia, o sexto a análise de dados e a discussão, por fim, as considerações finais e as referências. Ao final do trabalho, trazemos uma das entrevistas realizadas como um espelho do processo metodológico da pesquisa ora apresentada.

## 2. APROXIMAÇÃO DO TEMA

Adentrar no ensino superior é o sonho e o objetivo de muitos jovens da educação básica, pois conhecemos de fato a realidade do ensino público, as problemáticas que norteiam o ensino, entre outros fatores que tornam inacessível essa conquista, como a vulnerabilidade socioeconômica dos alunos da rede pública, as necessidades econômicas de se trabalhar muito jovem, para contribuir na renda familiar, e o sonho de cursar o ensino superior fica para trás, para depois, porém, há uma parcela desses jovens que conquistam esse objetivo, todavia, a permanência torna-se uma luta diária, devido aos custos dos materiais, transporte, alimentação, entre outros fatores que tornam sua permanência árdua, criando assim um alto índice de evasão das instituições de ensino Superior Federal. Uma vez que, em conformidade com Felicetti e Morosini (2009, p. 11), “questões como sexo, raça, condições socioeconômicas, idade ou deficiências não podem ser fatores que venham a se tornar obstáculos para o acesso, para a participação, ou para os resultados obtidos no Ensino Superior”.

Dificuldades de cunho econômico podem interferir na trajetória acadêmica de estudantes de baixa renda, seja através da falta de recursos necessários para o acesso a importantes bens e práticas culturais, seja pela necessidade de conciliar estudos e trabalho (VARGAS, 2008, p. 50, Apud IMPERATORI, 2017, p. 290)

Para combater a evasão desses discentes, cria-se um decreto N° 7.234, de 19 de julho de 2010, com o intuito de garantir aos graduandos de baixa renda a igualdade de oportunidades nos desempenhos das funções acadêmicas, contendo desta forma a evasão e a repetição dos discentes. De acordo com o site do Ministério da Educação (MEC), o Programa Nacional de Assistência Estudantil-PNAES.

Art. 1o O Programa Nacional de Assistência Estudantil – PNAES, executado no âmbito do Ministério da Educação, tem como finalidade ampliar as condições de permanência dos jovens na educação superior pública federal.

De acordo com Imperatori (2017), que explana sobre a trajetória histórica e a realidade que norteia as Políticas Educacionais e Sociais, antes da criação do

PNAES, as primeiras práticas de assistência social a universitários ocorreram por volta de 1928, com o intuito de custear os estudantes que encontravam-se fora do Brasil, permeados até os dias atuais, através de reformas nos decretos das assistências sociais,

A primeira manifestação com o intuito de apoiar os estudantes universitários ocorreu em 1928, com a inauguração da Casa do Estudante Brasileiro, localizada em Paris, e destinada a auxiliar estudantes que estudavam na capital francesa e tinham dificuldades em se manter na cidade (COSTA, 2010, apud IMPERATORI, 2017, p. 286).

Quando se fala em educação superior, pensamos em inúmeras experiências, conquistas, bem como, na melhoria de vida após a conclusão e formação do curso, todavia, o que acaba sendo deixado de lado, ou esquecido é a realidade e principalmente as lutas diárias de discentes da graduação em todo o Brasil.

O fator econômico, aflige e perturba a vida de diversos universitários em instituições públicas, a desigualdade social presente, que de certa forma, prejudica na permanência e formação desses graduandos, tal qual, no comprometimento da aprendizagem e do aprendizado, se parado para analisar, tornou-se mais agravante no ensino remoto, devido à falta de recursos tecnológicos que subsidie e auxiliem nas aulas neste modelo de ensino, em concordância com o trabalho realizado por Cabral Dias et al (2019), que realizaram pesquisas a respeito da vulnerabilidade social, onde em alguns apontamentos destacados trazem consigo uma abordagem historicamente a respeito da educação no Brasil, frisando que a educação encontrava-se voltada para as elites, e que as classes populares, eram desvalidas de seus direitos, tornando e elevando, desta forma, a desigualdade social no país.

Quanto a vulnerabilidade social, Cabral Dias et al (2019), assim como, Mool (2012), apontam que a vulnerabilidade encontra-se explícito as violências simbólicas e físicas, localizada em uma sociedade excludente, que vem impossibilitando o acesso e a permanência dos filhos das classes populares, sendo-lhes negado, de certa forma, o acesso à ciência, cultura e a tecnologia. Há múltiplas formas de exclusão e vulnerabilidade, barreiras estas criadas para distanciar, afastar, não apenas os estudantes de baixa renda, como étnicos, de classe e de gênero.

No estudo realizado por Sahão et al (2020), encontra-se relacionado com a temática deste trabalho, sobre o ensino superior, em tempos de pandemia, e as

diretrizes da gestão, onde difundiu-se os impactos do período pandêmico no ensino superior na modalidade remota, havendo por conseguinte, a interrupção das atividades presenciais, nas redes de educação básica e superior, ocorrendo adaptações à nova realidade, que não poderiam deixar de garantir a manutenção e equidade na educação.

Para as autoras Carvalho e Jezine (2016), que discutem sobre “permanência na educação superior: um peso, duas medidas”, apresentam os desafios enfrentados por discentes na educação superior, e os desafios para a permanência na instituição, apresentando falas de estudantes que lutam diariamente para não desistirem do curso.

A partir do Comitê Operativo Emergencial do Ministério da Educação (CEO-MEC), publicaram uma portaria provisória que autorizava-se a substituição e adaptação das aulas presenciais para aulas remotas, fazendo-se necessário a utilização de ferramentas digitais, recursos tecnológicos, para mediação e recepção das aulas, todavia, aulas práticas, como estágios, práticas laboratoriais, dentre outros, não ocorriam, devido não ser possível tais realizações, vale frisar que através deste decreto, viu-se necessário a flexibilidade dos dias letivos, desde que trata se da substituição das aulas presenciais, para as aulas digitais/virtuais.

O ensino remoto, nas palavras de Sahão et al (2020), adotaram como alternativa segura, uma nova forma de incluir os discentes que encontram-se em vulnerabilidade, infelizmente os mesmos acabaram não dispendo de recursos econômicos que subsidiou a aquisição de equipamentos tecnológicos necessários, para o acompanhamento das aulas online.

Segundo os entrevistados das autoras Carvalho e Jezine (2016), a problemática está relacionada com fatores que antecedem suas entradas na instituição, localizada na educação básica. Pontuações como a falta de tempo para estudar, devido ao trabalho durante o dia todo e estarem na universidade durante a noite, chegando em sua casa, encontram-se cansados para estudar durante a madrugada, sendo esta a realidade de muitos estudantes no país, motivados pela falta de recursos para conseguirem custear suas despesas com transporte, alimentação, saúde e educação.

Tais informes, expressam o quanto há precariedade da assistência estudantil, que lhes permite a permanência no curso, bem como, as trajetórias de vida, trazendo consigo as dificuldades no comprometimento das atividades obrigatórias, como os estágios. O fator é a falta de tempo, bem como não dispõem do luxo de abandonarem seus empregos e se dedicarem à formação.

Diante das narrativas que configuram trajetórias na educação superior observa-se que as chamadas políticas de democratização do acesso, se por um lado possibilitam o acesso de um público em situação de vulnerabilidade, que historicamente foi excluído da modalidade educação superior, por outro, não implica a permanência, tampouco o sucesso (conclusão do curso e empregabilidade) desses indivíduos, pois outras formas de exclusão social são criadas em seu interior. Obter um diploma superior é significativo para esses sujeitos, mas o que estes estudantes enfrentam até a conclusão do curso precisa ser discutido como problemática a ser enfrentada pela gestão do fazer acadêmico. Tendo em vista que inúmeras dificuldades estão no “palco” e interferem na permanência em cursos superiores. (CARVALHO E JEZINE, 2016, p 118)

Sahão et al (2020), destaca a falta de preparação dos professores no manuseio dos recursos digitais, do mesmo modo que, fatores como a inexistência de conhecimento dos estudantes e principalmente se eles teriam acesso às aulas neste novo formato de ensino.

Nesse sentido, o caminho simples e, sobretudo, uma forma menos custosa de responder a nova situação, sem considerar os aspectos específicos do Ensino Remoto Emergencial, tais como a ausência de recursos tecnológicos por parte dos estudantes e dos professores, a pouca qualificação dos professores para lidar com recursos tecnológicos, os efeitos psicológicos decorrentes de um período de pandemia etc. [...] o caminho complexo envolve ampla caracterização das condições de trabalho e de estudo em cada IES. Em relação aos estudantes, dois aspectos precisam ser muito bem conhecidos pelos gestores. Primeiro, a possibilidade de acesso dos estudantes a Internet. O segundo aspecto, ainda mais complexo, diz respeito ao repertório dos estudantes para estudo em ambiente virtual, o que exige deles maior grau de autonomia e sofisticação em habilidades acadêmicas, como leitura e escrita, bem como no uso de recursos digitais. Garantir que os estudantes tenham acesso à Internet e repertório compatível com o ensino *on-line* e um desafio que cabe as IES superarem (com o necessário apoio de políticas públicas amplas). (SAHÃO et al, 2020, p. 7)

Para Sahão et al (2020), existem dois caminhos para serem seguidos, tais decisões podem ser fácil ou difícil, a primeira trata-se da desqualificação dos

docentes na implementação das aulas nos dias estabelecidos para aula, já a outra modalidade trata-se de um caminho mais complexo, pois, em contrapartida, o ensino, mesmo no formato remoto, deve-se buscar desenvolver as atividades didaticamente, que venham viabilizar o ensino, com dois aspectos definidos, o primeiro é analisar as possibilidades de acesso dos estudantes, o segundo é o repertório dos estudantes nos ambientes virtuais, quais os domínios das mesmas ao acesso de Internet e a conexão, pois mesmo no ensino remoto deve-se haver planejamento.

Apesar de se tratar de uma situação emergencial, o ensino não pode constituir prática sem planejamento, de improviso e com características meramente burocráticas. É importante que a adoção do ensino remoto envolva oportunidades para planejar condições de ensino que promovam o desenvolvimento de aprendizagens de Ensino Superior, mais do que de adesão e repetição de conteúdo. (SAHÃO et al, 2020, p. 9)

Sahão et al (2020), destaca que os envolvidos neste processo devem sistematizar os objetivos presentes no currículo, estudar ações que recuperem o que se foi perdido, assim como encontrar intermediações que levem a comunicação professor-aluno.

Dos estudantes das universidades federais, 53,5% são de família com renda mensal per capita de até um salário mínimo; 54,6% são do sexo feminino; 51,2% são pretos, pardos ou quilombolas; e 0,9% são indígenas (ANDIFES; FONAPRACE, 2019). Quanto as condições materiais desses estudantes, temos que 74,9% das residências tem algum tipo de acesso à Internet, sendo 98,7% do acesso feito por meio do celular. Residências que possuem microcomputador correspondem a 43,4% (IBGE, 2020b). Uma vez que o defina que variáveis relacionadas aos estudantes precisam ser conhecidas para Ensino Remoto Emergencial implica uso de tecnologia, e relevante que cada instituição que suas condições sejam caracterizadas. Sem isso, e alto o risco de exclusão de boa parte deles. Embora os dados oficiais do Inep possam indicar caracterização inicial do perfil dos estudantes, cada instituição de Ensino Superior precisara caracterizar as especificidades de seu público em particular. (SAHÃO et al, 2020, p. 11)

O surgimento destas novas modalidades de ensino, trouxe consigo novas configurações e realidades sociais, em que Sahão et al (2020) aponta como fatores de vulnerabilidade, sendo elas, o desemprego, a redução da renda ou do salário, devido terem que realizar amparos familiares, as novas ações de ensino, o ensino

remoto fatores agravantes, como a baixa qualidade ou a falta de Internet, psicológico abalado devido aspectos emocionais, etc.

Carvalho e Jezine (2016) demonstram na fala dos estudantes que primeiramente, visam na educação superior uma melhoria de vida, porém, se deparam na prática ao acessarem os espaços, ao mesmo tempo com a exclusão, devido aos aspectos econômicos, sociais e dentre outros, tendo que lutarem diariamente para conciliarem seus empregos com a jornada de estudos, tornando cansativo e levando a prejudicar-se, com dificuldades no aprendizado, interferindo em seus desempenhos acadêmicos, seguindo com a falta de entendimento dos conteúdos trabalhados no curso,

A fala de Larissa reflete a complexidade da problemática da permanência ao qual exige políticas de acompanhamento, não podemos desconsiderar os fatores relacionados as dificuldades de aprendizagem do estudante em sala de aula, pois o acesso ao curso superior envolve sonhos, esperanças e temores de fracasso, elementos não previstos no currículo em ação na sala de aula. (CARVALHO E JEZINE, 2016, p. 115)

Quanto à qualidade ou a distribuição de equipamentos disponíveis aos estudantes, Sahão et al (2020) reflete sobre o acesso e a aquisição de tais equipamentos, durante a pandemia da Covid-19, muitos estudantes tiveram que trabalhar para complementação da renda familiar.

Com a insuficiência de equipamentos que auxiliem o ensino online/ao vivo, devido serem utilizados por outros membros da mesma família, havendo conflitos de tempo e disposição, o que antes se tinha e era suficiente, atualmente, não é mais, não podendo esquecer a precariedade de conexão, que é a principal forma de acesso dos envolvidos, encontrando-se instável ou oscilando, vale ressaltar que o equipamento mais utilizado para esta finalidade é o Smartphone (celular).

Os gestores não devem ignorar os fatores que encontram-se voltados para especificidades dos graduandos envolvidos. Sahão et al (2020), quanto aos manuseios dessas plataformas de ensino, destaca que os governantes promoveram somente a inclusão digital referente ao acesso de *softwares*, *hardwares* e *Internet*, esquecendo de realizar a inclusão digitalmente, pois trata-se de um conceito mais complexo.

Quanto às dificuldades apresentadas por Sahão et al (2020), enfrentadas pelos estudantes no ensino remoto, no processo de ensino aprendizagem e as problemáticas que influenciam e interferem no acompanhamento das aulas, destaca-se a Internet instável, outro fator, trata-se da propagação e contágio do vírus.

No contexto pandêmico, as condições voltadas para a especificidade dos discentes e dos docentes, tiveram que dispor de diretrizes que viesse subsidiar a aprendizagem dos mesmos, vale ressaltar que tanto para as IES, quanto para as instâncias administrativas, nem todo os objetivos pré-estabelecidos para se alcançar-se e desenvolver-se no ensino remoto, seriam definitivamente cumpridos, devido os fatores reais apresentados.

o professor promova aprendizagens, e importante: a) propor objetivos de aprendizagem significativos para os estudantes e coerentes com as necessidades sociais; b) organizar esses objetivos em uma sequência que facilite a aprendizagem, de acordo com o repertório prévio dos estudantes; c) construir instrumentos para a avaliação da aprendizagem discente, de modo a ter recursos para avaliar o repertório prévio dos estudantes, assim como as aprendizagens desenvolvidas ao longo e ao fim do processo de ensino; d) planejar condições de ensino considerando recursos disponíveis, necessidades e características dos estudantes, o momento da pandemia e os objetivos de aprendizagem; e) avaliar o repertório de entrada dos estudantes, de modo a adequar o programa de ensino a realidade desse repertório, mas buscando alcançar os objetivos de aprendizagem propostos; f) implementar as condições de ensino planejadas; e g) avaliar os resultados do programa de ensino ao longo e ao fim dele (SAHÃO et al, 2020, p. 15, Apud, CORTEGOSO; COSER et al, 2011).

Em conformidade com Sahão et al (2020), Carvalho e Jezine (2016) iniciaram suas abordagens com dados históricos, onde a inclusão social fez-se presente como uma reparação social, aos grupos excluídos e privados de seus direitos, por conseguinte, o acesso à educação de qualidade e equidade de direitos.

Como medida estabelecida para minimizar o processo de exclusão social, com as chamadas políticas afirmativas adotadas pelas instituições públicas foram chamadas de política de cotas, discutidos por Sousa e Portes (2011), no qual, vem a contextualizar e justificar o sistema de cota implementado nas instituições e os processos legais envolvidos.

Para Carvalho e Jezine (2016), as políticas educacionais superiores vieram para reparar socialmente os acessos nas instituições públicas de estudantes que

encontram-se em vulnerabilidade, os que foram excluídos no processo antes de adentrarem o ensino superior, pois os cursos ditos de elites, acabam exigindo desses filhos das classes populares, conhecimentos não adquiridos e desenvolvidos na educação básica, sendo-lhes excluídos das vagas. Nota-se que a maior parte dos discentes desejavam outras áreas de formação, todavia, não conquistaram, restando-lhes as áreas de licenciatura, pois não eram áreas atrativas para os filhos da elite, deixando cada vez mais fulgente a desvalorização, os perfis são estudantes de cor, de baixa renda.

Na análise do perfil socioeconômico do estudante ingresso na UFPB, no período de 2008 a 2013 (NAKAMURA, 2014; CASTELO BRANCO e JEZINE, 2013) constata-se o aumento gradativo de estudantes de cor e renda baixa, em que o número de estudantes de cor negra (pardos, indígenas e negros), ultrapassa significativamente o número de estudantes de cor branca a partir do ano de 2011, somando um total de 54,2% de matriculados na instituição, passando para 57,1%, em 2012, e 57,6%, no ano de 2013; Estudantes advindos de escolas públicas crescem de 36% para 53,1% no período de 2008 a 2012; Estudantes com renda familiar de menos de um salário mínimo a dois salários mínimos, passam de 34,9%, em 2008, para 58,4%, em 2013; A escolaridade dos pais que nunca frequentaram a escola ou possuem apenas o ensino fundamental incompleto somam um percentual de 38,9%, no caso dos pais, e 28,8%, no caso das mães, no ano de 2013; E, verifica-se uma diminuição no número de estudantes que não desempenham atividade remunerada, de 80,9%, em 2008, para 73,0%, em 2012. Os autores, constatarem que é notória a mudança no perfil racial e social nos últimos anos, sendo a expansão de vagas associada a política de inclusão social, no caso a instauração da MIRV o que contribuiu para tal mudança. (CARVALHO E JEZINE, 2016, p. 113)

A vulnerabilidade econômica dos estudantes, que “sobrevivem” como uma renda abaixo de um salário mínimo, buscam através das políticas públicas e educacionais, uma forma de inclusão, para permanecerem e assim concluírem seus cursos, fazendo valer efetivamente tais políticas vigentes.

Em conformidade com Sahão et al (2020), os avanços na busca por estabelecer métodos alternativos para trabalhar-se no ensino, com os impactos, implementando os recursos digitais, acabou expondo novas problemáticas, tais como,

a) a falta de suporte psicológico a professores; b) a baixa qualidade no ensino (resultante da falta de planejamento de atividades em “meios digitais”); c) a sobrecarga de trabalho atribuído aos professores; d) o descontentamento dos estudantes; e e) o acesso

limitado (ou inexistente) dos estudantes as tecnologias necessárias. (SAHÃO et al, 2020, p. 4)

O que antes não era dado muita atenção, atualmente, demonstra a falta de assistência estudantil e políticas públicas, em que os docentes tiveram que lidar com as “novas” problemáticas, no qual de nova não se tem nada, vindo a interferir no processo de ensino aprendizagem dos discentes. Fazer-se necessário um olhar institucionalizado, para esses ingressos, além de políticas públicas que lhes assegurem condições de desempenharem e concluírem suas graduações.

Costa (2019), traz uma discussão a respeito da vulnerabilidade social no contexto escolar, e as implicações pontuadas pela autora a respeito do processo de aprendizagem, fazendo-se necessário destacar presentemente, por serem relativamente ligadas ao contexto da Educação Superior, e devem realizar implementações na perspectiva da realidade dos estudantes.

Os efeitos deixados pela vulnerabilidade podem ser encontrados na educação e na formação, pois a realidade presente na sala de aula e as dificuldades enfrentadas pelo fenômeno social, foram evidenciados pelo período pandêmico.

As implicações segundo Costa (2019) é o índice alarmante de evasão e de abandono por um grande tempo sem frequentarem as aulas, afetando de certa forma a aprendizagem, devido os conteúdos trabalhados seguirem uma sequência didática, não diferindo da Educação superior, pois segue-se um currículo previamente estabelecido e mediados, voltado para a educação e a aprendizagem, tais problemáticas, aumentaram na pandemia, pois, com o ensino remoto, muitos adultos não conseguiram acompanhar as aulas no formato remoto, por motivos diversos, como a falta de equipamentos, de Internet, disponibilidade de tempo, dentre outros fatores abordados, como econômico, saúde e familiar.

Todos sabem que educação é um direito assegurado a todos os indivíduos, para Costa (2019), os direitos não se resumem à educação, mas também, a alimentação, espaço social e moradia aspectos que devem ser garantidos pelo Estado.

O descaso com a educação, a falta de prioridade, ficou escancarada no período pandêmico, seguindo então excepcional medida provisória, estabelecendo que a educação básica e o superior fossem amparados, buscando minimizar os

efeitos na educação, que excluiu uma grande parte dos estudantes, é notório para Costa (2020), a desigualdade de recursos e de ferramentas digitais, que prejudicam lhes no ensino online.

Com os projetos políticos restabelecidos pelas IES, possibilita-se a inclusão dos estudantes no novo sistema de ensino, auxiliando-os emergencialmente, com os equipamentos digitais, sendo eles: *notebooks*, celulares, pacote de dados móveis, banda-larga e etc. Esses programas estudantis buscam minimizar a vulnerabilidade econômica existente, trazendo equidade no processo de ensino, até a retomada das aulas presenciais.

A implementação do ensino exclusivamente na modalidade *on-line* durante a pandemia trouxe consigo a necessidade de disponibilizar aos estudantes, de forma equitativa, condições mínimas para se alcançar a inclusão digital, ou seja, acesso à internet de qualidade e a equipamentos para atividades *on-line*, realidade distante da maior parte dos brasileiros, conforme pesquisa citada neste estudo. Existe no país um círculo vicioso em que a desigualdade socioeconômica provoca uma desigualdade no acesso às tecnologias digitais e, conseqüentemente, desigualdade no acesso à educação na modalidade *on-line*, bem como às demais formas de aquisição de conhecimento por via digital, o que, no fim, aumenta a curva de desigualdade socioeconômica do país. (RIBEIRO et al, 2020, p. 9)

Para se entender o que é assistência estudantil, qual sua função e como ela surgiu, faz-se necessário uma abordagem a respeito da temática apresentada. Conforme referências que embasam essa pesquisa, assistência estudantil é um programa que visa viabilizar as desigualdades sociais e econômicas dos estudantes de instituições públicas de ensino superior, objetivando a permanência e a conclusão do ensino, trata-se de uma política primordial, para combater a evasão e não conclusão do curso, uma vez que, conforme dados de pesquisas há um grande índice de evasão de discentes devidos fatores econômicos.

A expansão da educação superior iniciou-se entre as décadas de 1950 e 1970. Na análise de Vasconcelos (2010, p. 401), “entre as décadas de 50 e 70 criaram-se universidades federais em todo o Brasil, ao menos uma em cada estado, além de universidades estaduais, municipais e particulares”. Mas foi na década de 1970 que o ensino superior se expandiu, resultando na ampliação do número de matrículas de 300 mil, em 1970, para um milhão e meio, em 1980. (IMPERATORI, 2017, p. 287)

Na perspectiva de Hengles e Pereira (2017), em sua abordagem sobre estudos que norteiam a evasão e a permanência dos discentes das instituições de

ensino superior, segundo alicerçam, a educação superior encontrava-se voltada para uma pequena parcela de indivíduos, sendo ela a alta sociedade, todavia, no decorrer do tempo e com a expansão das instituições e de cursos ofertados, os índices de procura das classes populares também obteve acréscimos, uns visando o crescimento profissional, outros com o objetivo de melhoria de vida, por conseguinte, instaura-se recursos financiados pelo governo para subsidiar e incentivar os discentes que adentravam o ensino superior, havendo também a criação de programas que visavam universidades para todos.

Hengles e Pereira (2017) destacam que as universidades devem manter seus alunos e não apenas abordar sobre as evasões. Conforme analisado, o que levou a evasão desses discentes são os fatores que envolvem a vulnerabilidade socioeconômica, além de,

Constatarem-se como os motivos que levam os alunos ao abandono de seus cursos relacionam-se principalmente, com questões econômicas e financeiras, dificuldades de aprendizagem, dificuldade de conciliar os estudos com o emprego e a família bem como se relacionam com a questão da valorização docente. Podemos observar através desta pesquisa características intrínsecas aos alunos bolsistas, podendo agravar as chances de abandono do curso. Os sujeitos beneficiados por políticas públicas apresentam vulnerabilidade socioeconômica apresentando mais dificuldades se comparado com os alunos regulares. (HENGLES; PEREIRA, 2017, p. 119)

De acordo com Hengles e Pereira (2017), o governo buscou incentivar e combater a evasão dos graduandos das instituições, em 1996, através de projeto instalado pela Comissão Especial de Estudos sobre a Evasão nas Universidades Públicas Brasileira, intitulado “Diplomação, retenção e evasão nos cursos de graduação em instituições de ensino superior públicas”, buscando entender o que levou e motivou tais desistências.

Vale ressaltar que é dever do governo assegurar educação de qualidade, pois trata-se de um direito público, como frisado pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) e por diversas constituições, ao decorrer da história, com a expansão das instituições públicas superiores, de acordo com a Constituição de Federal de 1988, conquista-se através de movimentos sociais, o direito político social, no artigo 205, que declara a educação como “direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade,

visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (IMPERATORI, 2017, p 289)”. Além de apresentar possíveis fatores que motivaram a evasão da instituição,

Apresenta variadas causas para a evasão na educação superior, como descontentamento com horários das disciplinas, falta de cursos noturnos, impossibilidade de conciliar trabalho e estudo, mau relacionamento professor-aluno, pouca integração social à universidade, expectativas não correspondidas e falta de informações sobre curso e profissão, mau desempenho acadêmico e reprovações, problemas financeiros (BARDAGI; HUTZ ,2009, Apud IMPERATORI, 2017, p. 289)

Em relação à Política de Assistência Estudantil, desenvolvidas nas instituições de ensino superior públicas, visando minimizar as diferenças sociais e econômicas dos discentes, promovendo assim suas permanências, destaca-se que para que o aluno conquiste o recurso, faz-se necessário um processo seletivo, realizado pela instituição, juntamente com os assistentes sociais, para se averiguar a legitimidades dos dados apresentados pelos estudantes, para assistentes sociais Santos e Marafon (2016), segundo os dados coletados e apresentados em relação a assistência estudantil, a quantidades de bolsas e recursos disponibilizados para os IFEs são ínfimas, levando em consideração a exorbitante dimensão de alunos que possuem o direito às assistências prestadas. Pois bem, quais são as assistências estudantis disponíveis para minimizar as diferenças socioeconômicas dos discentes?

O Pnaes propicia assistência moradia, alimentação, transporte, saúde, inclusão digital, cultura, esporte, creche e apoio pedagógico, conforme apresentado no site do Ministério da Educação. De acordo com Santos e Marafon (2016, p. 415), “a alta procura e o insuficiente atendimento sugerem que a mudança de nomenclatura não auxiliou na ampliação de capacidade de cobertura”, uma vez que, o número de alunos que precisam das assistências só aumenta, pois, as quantidades de recursos não acompanham de forma linear as proporções de alunos ingressantes.

O recurso da bolsa tem papel central no suprimento das variadas necessidades do cotidiano dos estudantes, daí a sua importância ao funcionar como complemento à renda familiar, auxiliando nas necessidades de permanência. Porém, para alguns estudantes, a bolsa torna-se o único rendimento garantido, a principal fonte de

renda. Esta centralidade deve-se, supostamente, à falta de efetividade das demais políticas, que deveriam proporcionar a garantia de condições mínimas de sobrevivência aos cidadãos. (SANTOS E MARAFON, 2016, p. 416)

O que podemos observar segundo o que as autoras abordam, a respeito das vulnerabilidades dos estudantes de baixa renda e os valores da assistência, pode ser confirmado em diversas instituições de ensino em todo Brasil, pois os filhos das classes populares estão buscando por seus direitos.

Na Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, UNIFESSPA, de acordo com site de Pró- Reitoria de Extensão e Assuntos Estudantis (PROEX) por intermédio da Diretoria de Assistência e Integração Estudantil (DAIE) lançam o edital 16/2020 para selecionar graduandos regularmente matriculados, visando auxiliá-los com equipamentos tecnológicos, a inclusão digital, aprovado na resolução de nº 500, em 12 de Agosto de 2020 pelo CONSEPE/UNIFESSPA, na modalidade serviços de internet (dados móveis), entregando-os chips, com previsão inicial de 6 meses, posteriormente, o Programa Conecta Unifesspa, publicam o segundo edital de nº 17/2020, na data 05 de Outubro de 2020, objetivando discentes no qual não possuem recursos para obterem as ferramentas digitais e que se encontravam em vulnerabilidade socioeconômica, impossibilitados de exercerem suas atividades acadêmicas no ensino remoto atual. O método utilizado para assistência aos discentes, deu-se através de “empréstimo” de equipamentos digitais, bem como, *Chromebook*, auxílio financeiro que subsidie a compra de equipamentos digitais, sendo eles, *notebook*, *tablet*, *desktop*, *all-in-one* (munido pelo monitor, teclado e mouse / não vem com CPU, tudo fica dentro do monitor) e celular.

Caso o discente tenha interesse e se encaixe nos requisitos previstos nos editais vigentes, deveria suceder-se a uma inscrição no Sistema de Assistência Estudantil (SAE), conforme elencados no edital, além de realizar o envio das documentações em consonância com os itens obrigatórios para concessão. Conforme apresentado abaixo, a concessão terá vigência, a partir da data de publicação, neste processo foi disponibilizado 414 *Chromebooks* aos discentes, no decorrer de 4 meses, sendo capaz de prorrogação de até 12 meses, a critério administrativo. Para sanar e esclarecer possíveis dúvidas a respeito do programa, foi realizado um encontro de forma *on-line* na plataforma do *YouTube*, no canal da

instituição, seguindo por *workshop* que contribuirá no acesso aos meios utilizados para se mediar as aulas no ensino remoto.

Neste capítulo buscou-se uma aproximação do tema, trazendo pesquisas que de alguma forma tocam na temática central deste trabalho. A seguir, faremos uma contextualização de onde este trabalho se anuncia.

### 3.CONTEXTUALIZAÇÃO

Considera-se importante que um trabalho acadêmico desta natureza faça uma marca histórica e social, de onde a pesquisa acontece. Por esta razão, fazemos um breve percurso teórico sobre esta parte da Amazônia paraense. Quando se aborda a respeito da região Sul e Sudeste do Pará, faz-se necessário realizar uma apresentação acerca da realidade da localidade da pesquisa e das análises presentes, desta forma, para apresentar as microrregiões e as mesorregiões supracitadas, começamos com Scalabrin et al. (2012), que em sua pesquisa de doutorado, buscou tratar os procedimentos realizados no período de ocupação nas mesorregiões, localizadas no sudeste do Pará, bem como os artifícios migratórios, devido às políticas e as lutas travadas pelo Movimento Sem Terra (MST), além das reivindicações, os conflitos, as resistências sociais, a fim de garantirem alguns hectares de terra para a reprodução social.

Outro autor que busca em sua análise apresentar as lutas travadas por esses assentados é Miranda (2021), que realizou algumas abordagens históricas, em relação aos conflitos territoriais e a construção dos projetos de assentamentos, não podendo esquecer que historicamente as principais formas de geração da economia nesta parte da Amazônia estão ligadas à extração do látex da borracha, de castanhas, além de minérios realizados pela empresa Vale, em processo muitas vezes marcados pelo trabalho escravo, ou seja, direitos trabalhistas negados aos contratados pelas fazendas.

O Pará é a maior fonte de minérios descobertos, tendo as mais importantes reservas de ferro, alumínio e cobre, a segunda maior reserva de manganês do Brasil, além de importantes reservas de ouro, estanho, níquel e caulim. Não é por acaso que essa região foi escolhida para serem instalados os chamados grandes projetos minero-metalúrgicos e hidrelétricos na região (PETIT, 2003, p. 97). Uma das maiores batalhas em busca de ouro, a partir da década de 1970, foi entre grandes empresas mineradoras e pequenos garimpeiros, que apenas utilizavam suas pás e picaretas. Enquanto empresas modernas utilizavam tecnologias de ponta na exploração mineral, milhares de garimpeiros se amontoavam se submetendo ao trabalho manual em condições degradantes. (LIMA E PINHEIRO, 2016, p. 157),

Lima e Pinheiro (2016), destacam o processo de escravidão trabalhistas das mesorregiões paraenses, bem como, as lutas travadas pela Comissão Pastoral da Terra (CPT) contra as explorações da mão de obra.

As mesorregiões Paraenses, do Sul e Sudeste do Pará, são compostas por 39 municípios, sendo eles, Abel Figueiredo, Água Azul do Norte, Bannach, Bom Jesus do Tocantins, Brejo Grande do Araguaia, Breu Branco, Canaã dos Carajás, Conceição do Araguaia, Cumaru do Norte, Curionópolis, Dom Eliseu, Eldorado dos Carajás, Floresta do Araguaia, Goianésia do Pará, Itupiranga, Jacundá, Marabá, Nova Ipixuna, Novo Repartimento, Ourilândia do Norte, Palestina do Pará, Paragominas, Parauapebas, Pau D'Arco, Piçarra, Redenção, Rio Maria, Rondon do Pará, Santa Maria das Barreiras, Santana do Araguaia, São Domingos do Araguaia, São Félix do Xingu, São Geraldo do Araguaia, São João do Araguaia, Sapucaia, Tucumã, Tucuruí, Ulianópolis e Xinguara.

De acordo com Scalabrin et al. (2012), no Sudeste Paraense, os conflitos sociais são provocados pelas políticas governamentais, que se fortaleceram por meados de 1970, com a criação de assentamentos, ocorrendo, por conseguinte, migrações de trabalhadores advindos de outras localidades do Brasil, almejando por espaço, que lhes permitissem trabalharem com a agricultura, dentre outras formas de trabalhos com a terra.

Os conflitos pautados na busca por direitos à terra, trabalhos dignos, saúde e educação são questões presentes em qualquer espaço social, sendo estes direitos garantidos a todos os indivíduos, segundo a constituição de 1988. Para Miranda (2021), que traz concepções a respeito da territorialização do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), centralizando as análises na luta pelos direitos e a manutenção dos mesmos, em conformidade com o autor, realiza reflexões referente aos assentamentos, apresentando as ocupações e a construção de acampamentos como forma de resistência, buscando com essas apropriações a probabilidade de espaço para o trabalho camponês, por sua vez, trabalhar e garantir sustento com a terra, não podendo esquecer que esses indivíduos, intitulados de “assentados”, dispõem de histórias próprias, podendo estas, estarem encarretadas de problemas socioeconômicos, psicossociais, dentre outras problemáticas existentes.

Quanto os primeiros assentados, eles buscam após suas ocupações das terras, progressos pautados nas assistências sociais prestadas, bem como políticas públicas que lhes assegurem garantias previstas, visam ainda honrar pelas memórias dos primeiros assentados, que tiveram suas vidas ceifadas durante os conflitos, constituindo um quantitativo considerado de vítimas fatais, deixados ao longo dos anos de 1970, até atualmente, conforme destacado por Miranda (2021),

Participaram da ocupação ou tiveram familiares que estiveram nesse momento da luta pela terra e que buscam permanecer no assentamento, compreendendo-o como local de reprodução do seu núcleo familiar, espaço de resistência, abrigo, sossego, liberdade, trabalho e reconhecimento social da sua existência pelo governo e pela sociedade local, embora a mobilização por melhorias nas condições de existência continue (créditos, assistência técnica, energia elétrica. (MIRANDA, 2021, p.14)

Miranda (2021) traz dados quantitativos, quanto os assentamentos adquiridos através de lutas dos grupos sociais, beneficiando assim um quantitativo elevado de famílias.

Uma das bandeiras de luta do MST corresponde exatamente a construção de escolas do campo nos assentamentos que garanta um processo educacional crítico, dialógico e que respeite a temporalidades desses sujeitos a partir de conteúdos que lhes integrem e garantam seu tempo de trabalho. Portanto, o PRONERA reforçou o projeto do MST de “ocupar as escolas” com professores formados a partir dos seus princípios, e igualmente ajudou a construir cursos nas Universidades e Institutos Federais do Pará, como a Educação do Campo, que se tornam outro local de disputa com os agentes econômicos hegemônicos, como as empresas mineradoras, que incentivam os cursos de engenharias, e os fazendeiros, que priorizam os cursos voltados para o agronegócio. (MIRANDA, 2021, p.27)

Scalabrin et al. (2012), realizam reflexões em relação ao processo de migração e de mão de obra, em busca de trabalho para as mesorregiões paraenses, advindos de outras regiões, motivados pelas políticas de integração, se depararam ao chegar com conflitos travados entre os posseiros e os grileiros, salientado por Scalabrin et al. (2012, p. 121), “Do ponto de vista da concentração fundiária, nessa mesorregião se encontra a maior área de terras ocupada por fazendas e projetos de extração mineral”.

A população do campo que habita essa mesorregião é composta por pequenos agricultores, quilombolas, extrativistas, pescadores e povos indígenas, sendo estes últimos os habitantes naturais e que foram afastados de seu habitat com a intensificação da migração,

como por exemplo, das áreas de castanhais (SCALABRIN et al, 2012, p.121).

Uma das principais formas de exploração e comercialização, era advinda da extração de caucho (borracha), no qual, Scalabrin et al. (2012) destaca que se seguiu com a migração de pessoas, onde buscavam por melhores condições de vida, fazendo parte desses grupos, barqueiros, tropeiros para manuseio do gado ou de mercadorias, comerciantes, pescadores, caçadores, garimpeiros dentre outras formas de mão de obra.

Essas formas de comercialização e de exploração desgovernada, fez com que os nativos dos espaços, sendo eles, indígenas, quilombolas, ruralistas e nativos fossem despejados de suas terras por grandes latifundiários, ou por grileiros, restando apenas para os locais, rendessem seu trabalho, em troca de um salário, havendo casos em que se havia caracterização de escravidão de mão de obra, conforme abaixo,

A exploração do caucho e da castanha, inicialmente, eram livres de patrão e a organização do trabalho era de base puramente familiar, embora não escapasse da exploração comercial. Mas a doação ou venda da terra, pelo governo, para o uso dos principais castanhais (aqueles de melhor acesso) dificultou a coleta e a comercialização dos produtos extrativistas pelos trabalhadores e facilitou a formação de grupos econômicos que se apropriavam do trabalho alheio para exportação do produto. (SCALABRIN, 2012, p. 122)

Todavia, com o decréscimo do custo das castanhas, abalando assim a extração e a comercialização, levou os trabalhadores a realização da extração, com a falsa justificativa de “zelo pela terra”, que eram tidas como deles tal ação fez com que os trabalhadores ocupassem essas terras.

Foi através de dois grupos políticos, sendo eles os donos dos castanhais, que possuíam autoridades políticas e os latifundiários, pecuaristas, contra os habitantes dos castanhais e os migrantes, sendo esses os responsáveis por darem ascendência a cidade de Marabá, que encontra-se presentemente, dentre as cidades de médio porte do estado do Pará, Scalabrin et al. (2012) e Lima e Pinheiro (2016) ambos fazem uso da linha de pensamento apresentado por Emmi (1999), para exprimir sobre a cidade de Marabá,

“sua importância advinha de sua posição geográfica e das riquezas de seu território (...)”. Com isso, “Marabá brotara da ganância louca do dinheiro (...)”. Assim, se hoje, Marabá ainda é considerada o

centro econômico e administrativo da mesorregião, entre os anos de 1920 e 1960 ela funcionou como cidade polo e centro comercial a serviço da coleta da castanha-do-pará destinada ao mercado externo. Neste contexto, a importância que era dada à posse da terra variava de acordo com a economia: a extrativista e a agrícola. Na economia extrativista mercantil “o objeto do trabalho e da troca são os frutos da própria terra (...) e para isso o capital comercial é o fator determinante, na medida em que o controle da terra e dos meios de transporte não lhe fuja”. Na agrícola “a terra é o meio de trabalho essencial, o objeto e, ao mesmo tempo, o produto do trabalho, no sentido em que se beneficia a terra ao mesmo tempo em que se tira dela seus frutos” (SCALABRIN et al., 2012, Apud EMMI, 1999, p. 124).

Quanto os avanços e as novas formas de exploração, as matas fechadas foram sendo arroteadas, realizando assim, pavimentando-as, criando-se estradas, com a pseudos ideia de progresso e desenvolvimento, falas estas, ditas pelo governo federal, todavia, com essa ideia de progresso, extraviando de muitos posseiros, suas terras para grileiros ou jagunços a cargo de fazendeiros.

Lima e Pinheiro (2016), realizaram uma pesquisa mais aprofundada a respeito destas explorações de mão de obra, caracterizada como escravidão, devido as falsas promessas de remunerações apresentados pelos aliciadores chamados “gatos”, motivados pela falta de trabalho em suas cidades de origem, tornando-os vítimas “prefeitas” para os trabalhos ilegais, iniciavam seus trabalhos com dívidas exorbitantes, dívidas essas que terão que cumprir, para que consigam sair vivos, uma boa apresentação dessas realidades vividas por esses trabalhadores, encontram-se disponível em um filme chamado “Pureza” (2019), do diretor Renato Barbieri, que relata essas práticas escravistas, inspiradas em fatos reais, pode-se observar de certa forma, essa realidade que não ocorreu de forma tão distante do momento contemporâneo.

Os dias que se seguem serão de horas exaustivas de trabalho, condições de extrema exploração, muitas dívidas com valores superfaturados e já planejados pelos proprietários das fazendas para garantir a dependência dos trabalhadores. A dívida é normalmente anotada em um caderno que fica sob o domínio do aliciador ou do próprio dono da fazenda. No caderno, constam as dívidas do transporte, adiantamento, alimentação durante a viagem, equipamentos de trabalho, alojamentos e refeições diárias. Quanto maior a demora na quitação da dívida maior se torna a dependência, que é suportada na esperança do trabalhador em receber algum dinheiro para retornar a sua cidade de origem. As promessas de que no final das tarefas eles poderão receber o salário e retornar para a família é também parte dos mecanismos de manutenção do trabalho

escravo. Tudo começa a partir do momento que são aliciados e com valores de compra da força de trabalho muito diferentes daqueles acordados. Impedidos de sair devido ao isolamento nas matas e nas grandes propriedades existentes, no meio da selva amazônica os trabalhadores são ameaçados pela presença constante de pistoleiros armados que castigam e matam, em caso de tentativa de fuga. Normalmente a empreitada não é considerada crime e as relações de trabalho são regidas pela legislação trabalhista, tendo o gato de pagar os peões, de acordo com os direitos previstos. Mas ao contrariar as leis trabalhistas, incorrem-se a riscos de vida aos trabalhadores. (LIMA E PINHEIRO, 2016, p. 165),

Com base em Lima e Pinheiro (2016), dentre as ações que enquadram-se como escravidão, são, o cárcere privado, primando o direito de ir e vim, violência física ou psicológica, torturas, lesões corporais, a morte do trabalhador e os danos ambientais, não podendo esquecer das sonegações dos direitos trabalhistas, como a não assinatura da carteira de trabalho, direito a férias, a retenção das documentações dos trabalhadores, tempo de trabalho, as condições desumanas de trabalho e a falta de pagamento do salário trabalhista, dentre outros mais fatores que não se enquadram e que vão contra os direitos previstos.

Um dos marcos históricos é a luta em prol dos direitos trabalhistas, estabelecido pela Comissão Pastoral da Terra, para combater a escravidão contemporânea, sendo denunciando por um bispo, após a fuga de alguns peões de uma fazenda que pertencia a empresa Volkswagen, esses trabalhadores denunciaram as violências e os abusos sofridos.

Assim como destacado por Miranda (2021), Scalabrin (2012), aborda a respeito da educação das famílias agrícolas, como pode ser visto na citação subsequentemente,

A Escola Família Agrícola (EFA) e a Federação Agrária do Tocantins e Araguaia (Fata) desenvolvem o ensino fundamental para filhos de agricultores. Ambas se articulam com a Fetagri e o Movimento Sem Terra (MST) na luta pelo acesso à educação além de desenvolver a educação nos acampamentos e assentamentos e no desenvolvimento dos cursos no âmbito da educação básica via projetos do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (Pronea). A Fetagri também se articula com a Associação Estadual das Casas Familiares Rurais do Pará (Arcafar/PA) para a implementação das experiências de ensino fundamental, através das associações municipais de Casas Familiares Rurais na região Sul do Pará. Essas experiências assumem como referencial metodológico os princípios da Pedagogia da Alternância. Apesar de haver articulação sobre a importância do acesso à educação e do consenso que propicia atuação conjunta nos projetos, o de ensino

desenvolvido com financiamento do Pronera tem estratégias que se diferenciam na mesorregião sudeste do Pará. (SCALABRIN et al., 2012, p. 134)

De acordo com Scalabrin et al. (2012), o MST busca a implementação de projetos, para a alfabetização e a escolarização para os assentados, além de educadores especializados e formados, que fazem parte dos assentamentos, junto ao Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (Pronera), buscando com isso, o ensino superior nas áreas de Letras, Agronomia e Educação do Campo, formando assim, indivíduos que retornem para seus espaços e que contribuam com os aprendizados adquiridos na formação. Os mesmos já contam com alguns programas educacionais como:

Projovem Campo, Saberes da Terra e os Programas de Apoio à Formação Superior em Licenciatura em Educação do Campo, voltados para a formação de professores das escolas do campo, desenvolvidos pela Ufpa Marabá e pelo campus Rural de Marabá (CRMB), criado em 2009, como escola agrotécnica de Marabá. (SCALABRIN et al., 2012, p. 136)

Quanto às pesquisas realizadas nos assentamentos, visando os espaços educacionais, segundo os dados levantados, pela Pesquisa Nacional da Educação na Reforma Agrária (Pnera), realizada em 2004, revelou que,

71% dos assentamentos no Pará possuem escolas, em 29% deles as aulas são desenvolvidas em igrejas, barracões comunitários e residências. Quanto ao nível de ensino e modalidade, 98% dos espaços escolares atuam apenas nas séries iniciais do ensino fundamental, 27% no II segmento (5ª a 8ª séries), 16% na EJA e apenas 3% no ensino médio, o equivalente a 503 jovens. O campo do sudeste paraense atende 66% da população no ensino fundamental e 10% no ensino médio. Isso representa uma taxa de exclusão educacional de 34% e 90%, respectivamente. Esta realidade tem feito com que os jovens que querem continuar seus estudos saiam do campo para se fixar na cidade, ocasionando o distanciamento da vida rural, o que os impede de retornarem para a terra e, sem emprego, acabam engrossando os bolsões de miséria e a violência nas cidades. Apenas 55% da população assentada no estado do Pará se encontra na faixa etária de 18 anos ou mais de idade e 61,3% está fora da escola. Das 1.195 escolas existentes nos assentamentos do Pará, 92% delas não adotam o calendário agrícola previsto em lei e não desenvolvem currículo articulado à realidade do campo; 88% possuem turmas multisseriadas que funcionam como um apêndice do paradigma da escola seriada urbana, 66% delas mantêm a unidocência e em 79% a merenda distribuída é

industrializada. (Brasil/MDA/Incra, 2004). (SCALABRIN et al., 2012, p. 139)

Os dados acima ajudam a compor um quadro significativo para que possamos interpretar as realidades da educação pública nesta parte da Amazônia brasileira e dos que dela necessitam ou são excluídos. Estes dados também, apontam uma diversidade de modos de fazer educação e que tornam essa realidade complexa de ser analisada. A seguir, apresentamos a rede teórica deste trabalho.

#### 4. SOBRE A EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA

Em todos os hemisférios, ocorreram mudanças, avanços, adequações quanto aos modos de se enxergarem o novo, claramente o que se ensinava no passado, não é o mesmo que encontrasse sendo ensino atualmente, pois surgiram novas concepções e linhas de entendimento, ramificando assim novas ideologias, quanto a educação e a formação nas instituições de educação superior, não diferiu-se dos demais, a formação de profissionais nas IES, transcenderam-se, com pesquisas pautadas na educação e áreas afins, todavia, centraremos a referente análise na formação e no processo de ensino aprendizagem contemporâneo de graduandos, e as práxis desenvolvidas pelos docente na construção e formação desses profissionais.

A Pedagogia e as Grandes Correntes Filosóficas mostram que a Educação Contemporânea vive uma aporia: há tendências da educação que colocam como objetivo a satisfação das necessidades do indivíduo, indo no sentido do naturalismo pedagógico característico das Pedagogias da Existência como no caso da Escola Nova. Outras tendências estabelecem valores universais e permanentes como fim de sua ação pedagógica, indo no sentido do idealismo pedagógico característico das Pedagogias da Essência, como no caso da Escola Tradicional de base religiosa. Num caso, como no outro, estabelece-se uma contradição entre duas posições, pois não há possibilidade de passagem da pedagogia da existência para o “mundo ideal” dos valores, da mesma forma que não há caminho aberto que permita o trânsito da pedagogia da essência, ligada a valores eternos e imutáveis, à vida individual. (VALE, 2012, p. 89)

Para se entender o que é uma educação contemporânea, bem como se dá o processo de ensino aprendizagem, faz-se necessário uma descrição a respeito, de acordo com pesquisas bibliográficas realizadas, a educação contemporânea na perspectiva de Vale (2012) parte de uma análise advinda da função desencadeada pela Revolução Política na França por volta de 1789 e 1799, com a Revolução Francesa, possibilitando o acesso aos livros sagrados ou não, proporcionando-lhes a leitura e a escrita, por conseguinte, permitindo acesso aos códigos linguísticos, trazendo à tona outras preocupações, bem como, o processo de escolarização dos indivíduos contemporâneos, buscando desta forma, meios e métodos que permitam-lhes acesso à cultura erudita, desenvolvidos pelos indivíduos no decorrer da história para realização das mediações aos estudantes.

O sistema escolar orgânico e uniforme, caracterizado pelos princípios de laicidade e de engajamento civil, será difundido como a marca registrada de um novo mundo a criar um novo ser humano. A visão burguesa faz-se hegemônica e através de “intelectuais orgânicos” dissemina os ideais da nova ordem sócio-econômica e sócio-política. (VALE, 2012, p. 81)

Durante a Revolução Francesa, que apresentavam interesses principalmente políticos, contrapondo-se a educação fundamentada na religião, propondo uma educação laica, promovendo uma educação pública não excludente, sendo comum a todos, distanciada da religião, tornando dever do Estado é direito dos cidadãos. Vale (2012), destaca que durante a Revolução Francesa, as ideologias defendidas pelo movimento era a do Iluminismo, ou seja, centrando-se na definição de “materialismo e laico”, fomentando uma implementação educacional de senso crítico nos cidadãos, permitindo-lhes solucionar problemas sociais e políticos existentes, pois a realidade presente era o elevado índice de analfabetos, ocasionados quando o Brasil era colônia,

A escola pública mantida pelo Estado torna-se realidade social. E o Brasil, com a República, não escapará ao ideário que via na escola pública estatal uma maneira de vencer o atraso escolar legado da Colônia e do Império (Mariotto Haidar, 1972). Basta dizer que por volta de 1889 a nação brasileira contava com cerca de 13-14 milhões de habitantes dos quais 80-85% eram analfabetos, gente escrava ou desvalidos de toda ordem sem qualquer possibilidade educacional num país comandado pela aristocracia rural conservadora (VALE, 2012, p. 81)

Os recursos públicos centrados na “Educação Estatal”, tornando um emblema para os republicanos autênticos, que buscavam uma normativa sem distinção seja de cor, raça ou poder aquisitivo. A educação passou a dispor de uma concepção de prática social, excedendo-se uma nova compreensão civil, pautada nos direitos dos homens de forma científica, desta forma, tornando indivíduos críticos-reflexivos.

No período avançado da Revolução Industrial, por volta de 1820, que encontra-se marcada pelo processo de mudanças na produção, deixando de lado a mão de obra rural, e pela busca de mão de obra qualificada, contando com formação especializadas, requerendo escolarização dos indivíduos. Vale (2012) refere se ao revolucionário político e teórico de pseudônimo Lênin (Vladimir Ulianov), quanto a

pedagogia do trabalho, onde a educação está diretamente ligada à formação profissional,

Lênin tem plena consciência de que o novo Estado Socialista necessita de profissionais qualificados que só a Educação pode formar. Uma sociedade socialista não poderá prescindir de engenheiros, médicos, cientistas, professores, tecnólogos além de trabalhadores em todos os setores da vida social. Ele conhece a importância da formação superior profissionalizante ocidental, que deverá ser orientada, porém, em função de nova axiologia. (VALE, 2012, p. 86)

Assim, a educação e os processos de ensino aprendizagem contemporâneos na educação tanto básica quanto superior, tiveram que ser readequados, todavia, não deixando de lado concepções como, direitos de todos e deve do Estado, mas, as práticas tiveram que adequasse ao novo momento a tipo do mundo, com a crise gerada pela propagação de um vírus transmissível pelo ar, uma pandemia, a educação, bem como as práticas desenvolvidas na educação superior passaram por ajuste, visando a especificidades dos graduandos.

O baixo prestígio social do professor, principalmente do professor da educação básica, consiste num aspecto fundamental para se compreender como a docência foi se configurando como uma profissão de menor prestígio se comparada às profissões mais antigas, como a do engenheiro, do médico, do advogado, do dentista, traduzindo a do professor como uma semiprofissão. (MEDEIROS, 2007, p. 73)

De início, os dilemas apresentados pelos estudantes de graduação, na contemporaneidade, Medeiros (2007), realizou apontamento quanto o baixo prestígio da docência, pois existe uma desvalorização da profissão, cabendo ao professor uma colocação de status de meio profissional, ou até mesmo o meio para acesso a algo maior, como formando de médicos, engenheiros, advogados, entre outras áreas de profissão.

A docência está além de uma profissão voltada para quem possui vocação, pois a docência encontrasse voltada às particularidades e especificidades social, a educação diferisse dos fenômenos sociais e naturais, pois a educação não é simplesmente a aula, mas as transformações advindas das vivências dos indivíduos, por intermédios do ensino, conforme Medeiros (2007),

O produto da educação não é a aula, mas a transformação ocorrida na personalidade viva dos indivíduos mediante o ensino. A aula, o ensino não é o produto, mas o processo. Daí, percebe-se que as discussões sobre o ensino, o professor, a educação são suficientemente complexas para impressão de visões aligeiradas, inclusive perpassando por algumas que chegam a reduzir o ensino a uma ação social qualquer, delegando aos profissionais das mais variadas áreas do conhecimento saberes e poderes para condução da docência no ensino superior, sem nunca terem tido uma formação pedagógica básica. (MEDEIROS, 2007, p. 74)

Quanto a profissionalização docente Medeiros (2007) define que existe duas formas de se enxergar um professor, podendo ser um profissional, quando desenvolve suas prática com pleno domínio e conhecimento, havendo a consciência no que faz, e o de forma amadora, quando não dispõe de conhecimentos na área, desenvolvendo-a da forma que gostaria, por conseguinte, somente na docência isso ocorre, já que jamais um indivíduo sem formação adequada poderia realizar tais condutas na área da saúde ou em qualquer área que exija uma formação inicial, enfatizando assim a desvalorização pela docência.

Analisando na perspectiva da docência na área da Pedagogia, essa desvalorização é ainda discrepante, pois parte de outras áreas da docência, (des)classificando-a e resumindo-a como uma área voltada apenas para o brincar, ou para quem gosta de criança, desvalorizando as áreas do conhecimento necessárias na construção e atuação profissional, por muito tempo, a história apresenta a pedagogia, a educação infantil, como um campo que exercia-se sem formação inicial, bastava dispor de interesses ou conhecimentos pouco a mais que os alunos, que já tornava-se professor de educação infantil, exercendo uma docência sem formação.

A construção da identidade docente é, acima de tudo, uma construção epistemológica e profissional, na qual saberes se entrecruzam. A docência – enquanto campo de conhecimentos específicos – demanda um conjunto de quatro saberes que vale apenas conferir.

- 1) conteúdos das diversas áreas do saber e do ensino, ou seja, das ciências humanas e naturais, da cultura e das artes;
- 2) conteúdos didático-pedagógicos, diretamente relacionados ao campo da prática profissional;
- 3) conteúdos relacionados a saberes pedagógicos mais amplos do campo teórico da prática educacional;

4) conteúdos ligados à explicitação de sentido da existência humana individual, com sensibilidade pessoal e social. (PIMENTA; ANASTASIOU, 2005, Apud MEDEIROS, 2007, p. 76)

A formação docente, no ensino superior é composta por distintas particularidades, que devem ser analisadas de forma singular, logo, o processo de ensino aprendizagem do discente deve seguir em uma linha diferente da educação básica, pois na educação superior, a função do docente é formar profissionais, desenvolver os acadêmicos, contribuindo com a sociedade, a formação deve ser indissociável, ou seja, o ensino deve estar interligado com o ensino, pesquisa e extensão, buscando ir além da teoria.

Seguindo na mesma linha de pensamento, quanto o processo de ensino aprendizagem no ensino superior, o planejamento faz-se necessário, uma vez que, exija praxis pedagógicas, na relação teoria e prática, devendo ser implementada de forma dinâmica e criativa, contidos em um contexto sociocultural, parafraseando Lima e Silva (2019).

Planejar trata-se de uma ação política- pedagógica, nas IES, logo, entenda-se que deva levar a reflexão, munidos dos elementos que compõem a didática, a organização, sistematizando as decisões, em uma perspectiva ampla, podendo ser de longo ou curto prazo, contando com os documentos norteadores, sendo eles, Projeto Político Institucional (PPI), Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI), também o Projeto Político Pedagógico (PPC) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) , dentre outros, caso seja julgado necessário pelas IES.

A aprendizagem universitária está associada ao aprender a pensar e ao aprender a aprender. O ensino universitário precisa hoje ajudar o aluno a desenvolver habilidades de pensamento e identificar procedimentos necessários para apreender. A metodologia de ensino, na verdade, não são as técnicas de ensino, o uso do vídeo, do trabalho em grupo, da aula expositiva. Metodologia é como você ajuda seu aluno a pensar com os instrumentos conceituais e os processos de investigação da ciência que você ensina (LIBÂNEO, 2003, Apud LIMA; SILVA, 2019, p. 38).

Cunha (2003), aborda acerca de diferentes tipos de saberes docentes, saberes esses necessários na formação e atuação do professor, iniciando com as concepções de saberes de Tardif, Lessard e Lahaye (1991), que definem os saberes

da formação profissional, saberes das disciplinas, saberes curriculares e saberes da experiência, observando-os bem, os saberes apresentados encontram-se centrado na formação do docente, quando ainda encontra-se na instituição de educação superior, as práticas voltadas para esses saberes, relaciona-se ao uso cotidianamente, logo, tais saberes são necessário no processo de ensinar, Pimenta (1999), expressa a respeito dos distintos saberes da experiência, saberes do conhecimento e saberes pedagógicos, expressando também que deve-se haver uma formação para atuação docente, formação está, encontrada na graduação.

Chamamos de saberes sociais o conjunto de saberes de que dispõe uma sociedade e de educação o junto dos processos de formação e de aprendizagem socialmente elaborados e destinados a instruir os membros da sociedade nos saberes sociais [...]os corpos docentes, que efetivamente asseguram esses processos educativos no quadro do sistema de formação em vigor [...] (TARDIF et al, 1991, p. 215)

Gauthier et al (1998) destaca os saberes disciplinares, saberes curriculares, saberes das ciências da educação, saberes da tradição pedagógica, saberes experienciais e saberes da ação pedagógica, elementos que compõem o profissional da educação no processo de formação, inferindo as concepções de Gauthier et al (1998), tais saberes indispensáveis nas práxis do ensinar. Seguindo então para Saviani (1996) e suas visões relacionados aos saberes, atitudinal, saber crítico-contextual, saber específico, saber pedagógico, saber didático-curricular, estes saberes devem constituir a formação docente, tanto inicial, quanto continuada, pois os procedimentos metodológicos educacionais, exigisse saberes complexos, saberes que envolvam o mundo.

Tardif (2012), define os saberes profissionais como saberes temporais, por se tratar de saberes adquiridos no decorrer do tempo, onde o professor entende o que é ensino, qual o papel desenvolvido pelo docente e principalmente como deve realizar as medições do ensino, englobando suas vivências como docente e estudante, conseqüentemente, ao exercer a função de docência, o indivíduo apresenta características, representações e práticas docentes adquiridas quanto aluno e após a formação acadêmica, faz uso de parte dessas práticas, visando sanar problemáticas na profissão, todavia, por se tratar de um saber temporal é indispensável para auxiliar o docente na estruturação de suas competências e na rotina de trabalho, como resultante, adquirem experiência por meio da prática.

Outra definição de Tardif (2012) é quanto aos saberes profissionais, encontra-se voltado para saberes plurais e heterogêneos, pois ao exercerem a profissão, buscam almejar distintos objetivos, não necessariamente interligados. Essas diversidades de objetivos, quando o professor tenta “controlar” a turma, motivando-os, que foquem nas atividades propostas, além da preocupar-se com a particularidade dos alunos, planejar e organizar atividades que auxiliam e contribuem com o aprendizado dos alunos, exprimindo a complexa variedade de habilidade e de competência desenvolvida pelo professor.

Percebe-se que o professor precisa mobilizar um vasto cabedal de saberes e de habilidades, porque sua ação é orientada por diferentes objetivos: objetivos emocionais ligados à motivação dos alunos, objetivos sociais ligados à disciplina e à gestão da turma, objetivos cognitivos ligados à aprendizagem da matéria ensinada, objetivos coletivos ligados ao projeto educacional da escola, etc. (TARDIF, 2012 p. 264)

Segundo Tardif (2012), os saberes dos professores são personalizados e situados, que significa que os profissionais da educação não são e nem devem ser resumidos em ao corpo pautado em conhecimentos cognitivos, pois os mesmos dispõem de histórias de vida próprias, possuem uma identidade social, têm emoções, particularidades, e cultura(s) próprias, que somadas, influenciam no fazer docente, “eles são personalizados, ou seja, que se trata raramente de saberes formalizados, saberes objetivados, mas sim, de saberes apropriados, incorporados, saberes que é difícil dissociar das pessoas, de sua experiência e situação de trabalho.(TARDIF, 2012, p. 265).

Quando questionasse ao profissional da educação suas competências, a fala parte inicialmente de sua história de vida, personalidade, suas habilidades pessoais, seus talentos, tornando esses fatores essenciais no exercício da função. Assim, a construção da identidade profissional, contará com características pessoais, pois não é possível desligar-se do indivíduo, enquanto ser social, que possui experiências de vida, o que difere os conhecimentos de docente para discente são os saberes que foram constituídos e como se deu está construção, parafraseando (TARDIF, 2012, p.266), “os saberes profissionais não são construídos e utilizados em função de seu potencial de transferência e de generalização; eles estão

encravados, embutidos, encerrados numa situação de trabalho à qual devem atender”.

Sabe-se que o objeto de trabalho do docente está ligado aos seres humanos, assim, ações são marcadas de fatores individuais e sociais, Tardif (2012), expressa que cada indivíduo dispõe de suas próprias particularidades, desta forma, eles existem primeiro para si próprios, analisando esta individualidade na docência, o professor deverá buscar atingir seus alunos de forma individual, partindo das particularidades na sala de aula.

Pois,

Os saberes docentes são temporais, plurais e heterogêneos, personalizados e situados, e que carregam consigo as marcas do seu objeto, que é o ser humano. Ora, os conhecimentos teóricos construídos pela pesquisa em ciências da educação, em particular os da pedagogia e da didática que são ministradas nos cursos de formação para o ensino, não concedem ou concedem muito pouca legitimidade aos saberes dos professores, saberes criados e mobilizados através de seu trabalho. Na formação inicial, os saberes codificados das ciências da educação e os saberes profissionais são vizinhos mas não se interpenetram nem se interpelam mutuamente. (TARDIF, 2012, p. 269)

A formação docente e seus saberes, no contexto atual, encontra-se diretamente ligados e relacionados nas áreas dos saberes anunciadas nas referentes citações, pois o profissional da educação é composto por um vasto caminho de formação, adquiridos na formação acadêmica inicial e continuada e nas histórias de vida dos indivíduos.

## **5. METODOLOGIA**

### **a. Fundamentos da Pesquisa**

Mendonça (2017), refere-se a pesquisa científica e as metodologias adotadas pelo pesquisador, pautados nos conhecimentos, onde todo o indivíduo dispõe de curiosidades e questionamentos que busca sanar por meio de pesquisas, podendo levá-los a buscar de forma totalmente autônoma por novos conhecimentos, todavia, para Mendonça (2017), há um entendimento deturpado a respeito do que se trata a pesquisa, pois a mesma acaba sendo classificada apenas para coleta de dados e informações, visto que ela encontra-se voltada mais para os aspectos de desestruturação e somente após realiza a estruturação, com novos significados.

Assim, Mendonça (2017) traz reflexões sobre o “pensar ciência” e o “fazer ciência”, onde o pensar ciência encontra-se voltado para a curiosidade, os conhecimentos científicos, podendo ser ciências naturais que pode ocorrer com o método de abordagem quantitativo ou ciências humanas, voltado para educação, logo o método de abordagem será qualitativo, em que, haverá a análise para compreender as realidades dos indivíduos. Já fazer ciência, refere-se a inferências, métodos e as técnicas de realização da pesquisa e os níveis de divisões quanto as naturezas, conforme Vianna (2013), e os objetivos da pesquisa em conformidade com Gil (1999), bem como método da pesquisa adotada, podendo ser quantitativo e qualitativo e as técnicas que podem serem utilizadas na coleta dos dados educacionais.

Em concordância com Gil (1999), o método científico de pesquisa possui o objetivo de se alcançar a veracidade dos fatos pesquisados, ele define o método como o viabilizador que abrange determinado conhecimento. Assim faz-se necessário delimitar um método que represente as pesquisas desenvolvidas, a fim de difundir uma base lógica de investigação e seguimentos aos dados coletados, desta forma, foi-se definido o método descritivo, uma vez que, tal método possui o objetivo de descrever as pesquisas e as referências bibliográficas abordadas, juntamente relacionadas com a realidade contemporânea.

A pesquisa descritiva encontra-se diretamente ligada a análises sociais, logo, tratar sobre a vulnerabilidade socioeconômica dos discentes supracitados, munida

com a pesquisa explicativa, está centrada em verificar os diferentes fatores que permeiam os fenômenos sociais, este tipo de pesquisa encontra-se diretamente ligada na busca de identificar a realidade, com a exposição das causas e os motivos que determinam as ações.

Os métodos de pesquisas descritivo e explicativo para Gil (1999), apresentam através dos resultados coletados de forma clara e objetiva as pertinentes problemáticas investigadas, logo, a pesquisa busca por meio dos referenciais que alicerçam a importância de entender a vulnerabilidade dos discentes de graduação das instituições públicas de ensino superior em tempos de pandemia.

Somente após a definição da abordagem de pesquisa, inicia-se a sua concentração dos procedimentos técnicos, estando interligado aos objetivos da pesquisa, na busca para sanar os questionamentos realizados, como elucidado por Mendonça (2017).

Em conformidade com Gil (1999), André (2008) trata a pesquisa científica, bem como as origens dos métodos qualitativos, que veio a se difundir devido críticas aos métodos quantitativos, uma vez que, os métodos quantitativos tratavam-se de pesquisa meramente voltadas para a coleta e tabulação de dados, não havendo quaisquer análise aprofundada dos fatos e dados coletados, tão pouco questionamentos quanto o que levou e motivou tal resultado, tornando apenas uma pesquisa quantitativa, assim, o pesquisador não interagia com os pesquisados, ficando apenas centrado nos dados quantitativos.

André et al (2008), faz um levantamento histórico para explicar o processo de implementação do método de pesquisa qualitativo, partindo de estudos que se difundiram nas áreas da educação, currículo, avaliação e nos programas de investigação escolar, com isso, havendo avanços no método qualitativo no desenvolvimento de pesquisas educacionais e escolares, bem como, no processo de aprendizagem de forma interdisciplinar.

Para os autores, às temáticas trabalhadas de forma qualitativa, tornou-se uma forte fonte de pesquisa nas diversas realidades, destacando-se quatro pontos positivos, sendo eles, a incorporação entre pesquisador nas áreas da educação, a constatação das problemáticas em questão, nos enfoques, nos tratamentos das problemáticas quanto os entrevistados, havendo aspectos de pesquisa consciente.

Vale frisar que o presente Trabalho de Conclusão de Curso, TCC, foi elaborado de forma remota, bem como as orientações, tendo em vista o momento atípico de pandemia, tornando impraticável orientações de quaisquer cunhos presenciais, visto que, as normas estabelecidas pelas instituições e órgãos de saúdes, definem a não aglomeração e propagação do existente vírus.

## **b. Procedimentos e Etapas da Pesquisa**

A pesquisa dispõe das seguintes etapas estabelecidas para nortear o presente trabalho, iniciando com a definição da temática a ser pesquisada, seguindo com o levantamento de fontes bibliográficas que somaram e elucidaram os dados analisados, após a realização das leituras, na busca de se entender o processo de formação docente, bem como, as perspectivas docentes, atreladas ao processo de formação e assistencialização, se definiu a linha de pesquisa por intermédio de entrevista semiestruturadas, com perguntas gerais norteadoras, que abrangem os apontamentos de análise.

Posteriormente, foram realizadas entrevistas, por intermédio de ligações e gravações das informações prestadas, no qual os entrevistados apresentaram suas perspectivas quanto ao processo de formação docente, na referida Instituição de Educação Superior, vale frisar que tais entrevistas foram realizadas por intermédio de ligações da responsável pela pesquisa, uma vez que, os entrevistados não encontravam-se no campus no período da pesquisa, por motivos de estarem no período final do curso.

As coletas dos dados disponibilizados pelos entrevistados, via ligações e as informações disponibilizadas por meio dos áudios, foram transcritas, seguindo os elementos pontuados pelos mesmos, que compuseram o quadro de análises, diretamente ligados aos objetivos da temática investigada.

Vale frisar as problemáticas encontradas no decorrer do processo de entrevista, como a falha na conexão na realização das ligações, a rede da operadora dos entrevistados apresentarem instabilidade ou fora de área de cobertura, além de falta de crédito para a realização da chamada, não podendo esquecer da incompatibilidade de horário para a realização da entrevista, dentre outros fatores,

como as interferências de ruídos e sons captados no percurso dos diálogos, que de certa forma prejudicaram o percurso da pesquisa.

### **c. Participantes do Estudo**

Foram convidados a participar da pesquisa, discentes do curso de Pedagogia, campus de Marabá/Pará, que se encontram no 8º semestre da graduação, com idades e realidades distintas, compartilham sonhos e uma vontade em comum, a de formarem e atuarem na educação, no qual, concordaram e autorizaram a publicação das informações prestadas, em conformidade com os termos de consentimentos anexos ao fim desta pesquisa.

Por conseguinte, os participantes subsidiaram de forma significativa o percurso de produção deste Trabalho de Conclusão de Curso, vale salientar que, suas identificações permanecerão confidenciais, desta forma, para se fazer a distinção entre eles, bem como quando forem feitas alusões, foram/serão utilizadas as nomenclaturas, entrevistada 01, entrevistada 02 e entrevistado 03, respectivamente.

As perspectivas de cada entrevistado, referente ao processo de formação do curso de Pedagogia da Unifesspa, compuseram um formato particular, no andamento da pesquisa, ademais, apresentando outras visões quanto ao modo de se enxergar a instituição, o curso e a formação do docente de pedagogia.

### **d. Contexto da Pesquisa**

O contexto da Pesquisa, trata-se das perspectivas dos estudantes de graduação do curso de Licenciatura em Pedagogia, e suas concepções quanto docente em formação, os meios de construção dos saberes necessários para atuação no campo educacional, e as complexidades de permanência no curso, atreladas aos baixos recursos de assistencialização estudantil prestado para a permanência e conclusão do curso, enfatizando a relação do fator econômico e a persistência para o êxito da formação em contexto de pandemia da Covid-19.

#### **e. Local da Pesquisa**

O lócus de realização desta pesquisa é a Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Unifesspa, localizada na cidade de Marabá, Sudeste do estado do Pará, possui três campos no referido município e mais outros polos nas cidades de Rondon do Pará, Xinguara, São Félix do Xingú e Santana do Araguaia.

O campus I, lócus da pesquisa, encontra-se localizado na Folha 31, Quadra 07, Lote especial s/nº, bairro Nova Marabá, na avenida VP8. Os cursos existentes no campus I são de Geografia (Licenciatura e Bacharelado), Ciências Sociais (Licenciatura e Bacharelado), bacharelado em Direito e Licenciatura em Pedagogia, incluindo-se também às Faculdades dos respectivos cursos.

Centrado a pesquisa, o campus I encontra-se bem localizado, próximo ao comércio e também possui um fácil acesso à comunidade, todavia, após o início da pandemia, este acesso ao campus tornou-se bem mais restrito, conforme elucidado anteriormente, o qual acarretou a pesquisa para ser realizada de forma remota e por intermédio de recursos digitais.

#### **f. Procedimento de Tratamento e de Análise dos Dados**

O tratamento dos dados coletados oriundos das constatações compartilhadas pelos entrevistados, partem de trechos de falas dos mesmos, para isso, será realizado a análise dos dados à luz de um referencial teórico citado no capítulo anterior.

## **6. ANÁLISE DE DADOS E DISCUSSÃO**

Para analisar as falas dos entrevistados, faz-se necessário uma exposição introdutória, seguindo os informes posteriores, quando falamos em formação docente, ou as etapas que constituem o profissional da educação, logo, remete-se aos componentes curriculares que somados, compõem o saber docente, neste sentido, Tardif (2012) e seus diferentes tipos de saberes, os quais lhes capacitarão para o âmbito educacional e assim mediar o aprendizado dos seus alunos, mas pouco se aborda a respeito desse percurso, parcamente se questiona as dificuldades enfrentadas pelos alunos, para chegar até o fim da graduação, e quais os desafios enfrentados ou até mesmo questionando-lhes na possibilidade de permanência em um contexto de pandemia.

Para além de se entender o processo, precisamos compreender a trajetória desses estudantes, quais as concepções deles nessas etapas de formação, seguindo com os desafios para permanecerem no curso, pois, o principal objetivo deste capítulo é trazer trechos de falas dos entrevistados, respondendo tais questionamentos, pontuando junto as falas do ser discente e suas representações. Para uma melhor compreensão deste capítulo, dividimos o mesmo em três subtópicos:

- 6.1. A trajetória dos estudantes entrevistados;
- 6.2. A representação sobre o curso de Pedagogia;
- 6.3. Desafios.

### **6.1. A trajetória dos estudantes entrevistados**

#### **A trajetória da entrevistada 01, expressa na fala transcrita abaixo:**

Tá, primeiramente é estudei em escola particular, até a 6° série, lá o ensino era bom, de qualidade, a média da escola para todos os alunos eram oito, diferente de quando eu passei pro ensino público, né. Tipo, a média era seis, e muitas coisas que eu já tinha estudado na escola particular, é, em séries tipo, menos elevadas, 5° ano, 4° ano, eu passei a ver isso no 7°, 8° ano na escola pública, já tinha visto na escola particular, [...] assim, tive professores bons, professores regulares,[...] professores que diziam que a gente aprendendo ou não, o salário iria está na conta do mesmo jeito, eu

acredito que em parte eu tive uma educação de qualidade, mas, faltou muita coisa, principalmente quando passei para o público, né! (Entrevistada 01).

Neste primeiro recorte destacado pela entrevistada 01, quando questionada sobre sua trajetória na educação básica, existem duas pontuações a serem analisadas, a primeira, nota-se, a mesma passou por dois sistemas de educação, de início uma educação particular, rede essa que dispõem de recursos e etapas que diferem-se da educação pública, como enfatizado pela mesma, em que assuntos ministrados antes em séries menos elevadas na educação privada, passou a ser estudado nos anos finais na escola pública, além de se deparar com falas que podem expressar violência simbólica, quando analisadas e entendidas de outros ângulos, ao fim desta fala da entrevistada, ela julga que de forma geral obteve uma educação de qualidade, havendo o termo “em parte”, enfatizando mesmo que tenha tido uma educação difícil, considerou de qualidade.

É importante se observar as contestações pelos entrevistados, quanto às suas trajetórias na educação, em que a entrevistada 01, aborda o percurso feito na educação básica, seguindo todos as etapas no ensino público, até sua aprovação no curso de Pedagogia, pois quando indagada sobre a escolha do curso, todos expressaram ser o curso desejado, de acordo com a entrevistada 01, o curso de Pedagogia, ofertado pela Unifesspa, no campus I em Marabá, foi uma de suas opções de curso, havendo o curso de Psicologia como um dos cursos pensados, justificando apresentar interesse com a área da educação, bem como gostar de crianças, destacando, que recebeu incentivo, lhe apresentando uma perspectiva favorável ao curso, uma prova que desejava cursar pedagogia, foi a de não ter passado na primeira chamada, ficando na lista de espera, foi aprovada em outro curso, mas decidiu esperar, passando na repescagem e assim cursando o que almejava.

Sim, foi a minha primeira opção, e, eu escolhi porque sempre foi uma das minhas opções, seria psicologia ou pedagogia, pelo fato de eu identificar muito com as áreas da educação, gostar de crianças, e também que me auxiliou na minha inscrição cursava Pedagogia, então ele me incentivou a embarcar no Curso de Pedagogia também, foi a minha primeira opção, não passei na primeira chamada, fiquei na lista de espera, minha segunda opção foi Letras, onde passei de primeira em Letras, mas eu optei pela Pedagogia, esperar para ser chamada em Pedagogia.(Entrevistada 01)

**Quando realizada a mesma questão, referente à trajetória, à entrevistada 02, respondeu:**

[...] É, antes de eu cursar pedagogia, eu fiz, né, eu sou formada em Assistente Social, só que eu não me identifiquei, ao longo do curso, eu não me identifiquei com serviço social, aí eu passei o que? Sete anos fora, da atividade escola, aí que surgiu o MOBEX, aí eu ingressei pelo Mobex no curso de Pedagogia, então ao longo do curso de Pedagogia, eu me identifiquei muito com a educação infantil, então eu pretendo atuar na educação infantil. (Entrevistada 02)

De acordo com entrevistada 02, antes de cursar Pedagogia, realizou uma formação em Serviço Social, que após a formação não apresentou afinidade pelo curso, passando por um longo período sem realizar estudos, informando que viu uma oportunidade em cursar o que desejava desde o início, sendo o curso de Pedagogia, através da Mobilidade Externa, um processo seletivo que disponibiliza um quantitativo de vagas para pessoas que já estejam formadas ou que estejam cursando outro curso em outras instituições de educação superior, no caso da entrevista que já encontrava-se formada, enxergou uma oportunidade para ingressar no curso, pois segundo a mesma, tentou por algum tempo entrar pela prova realizada através do Inep, o Enem, não obtivendo a aprovação, conforme a fala expressa abaixo.

[...] é assim, eu já havia tentado né, várias vezes, eu tentei né, o vestibular, mas só que eu não obtiver a pontuação, é duas tentativas que eu fiz, uma eu zerei biologia, aí, depois, né, que aí foram duas tentativas pelo vestibular, aí eu também passei é acho uns cinco anos, que eu ingressei no curso de serviço social, aí depois do serviço social, eu passei mais uns sete anos, aí foi quando surgiu o Mobex, aí eu conseguir né, pontuação, [...] a muito tempo eu já almejava um curso na Federal, aí graças a Deus, agora deu certo. (Entrevistada 02)

A seguir a entrevistada 02 indica que a escolha do curso de pedagogia, trata-se de uma continuação de formação, pois a mesma já havia iniciado quando existia o magistério, destacando que daria prosseguimento ao curso.

Foi, da unifesspa foi, tanto que foquei mesmo na pedagogia, por que, é eu também cursei magistério né, na minha trajetória, assim, eu cursava e abandonava os cursos, né, eu cursei também é magistério, aí depois, eu digo, porque que eu não dei continuidade né, que eu cheguei ao magistério, e já pegava logo a Pedagogia, aí

eu passei também, depois do magistério eu passei um longo período fora né de sala de aula, aí que eu cursei serviço social, aí passei também um bom tempo aí , eu disse não, agora eu vou é de pedagogia. (Entrevistada 02)

### **Quando indagado a respeito da trajetória do entrevistado 03, ele expôs que:**

Então, é assim, [...] como eu trabalhava na educação como intérprete, né, então eu tive a oportunidade para mim fazer a faculdade, então eu deixei de trabalhar na comunidade, e me desloquei para a cidade, e assim, a gente vem lutando né, no começo, eu pensei muito em desistir, milhares de vezes, muitas vezes mesmo, pensava em desistir, mas a minha força de vontade né, para continuar, [...]. (Entrevistado 03)

A fala do entrevistado 03, retrata que já atuava na educação, exercendo um papel de intérprete, auxiliando e contribuindo com a sua comunidade, destaca ainda que, ao surgir a oportunidade de cursar uma graduação, teve que se afastar de sua família, bem como de sua comunidade, enfatizando as problemáticas enfrentadas na permanência do curso, perpendiculares aos pensamentos de desistência, que lhes acobardavam, porém, manteve-se firme no percurso, frisa que sempre contou com destemor de sua rede de apoio, de acordo com o mesmo, “[...] que está sempre comigo, meus pais, estão ali me apoiando [...]”.

Quanto ao entrevistado 03, o desejo de cursar pedagogia partiu das experiências da sala de aula, oriundas da representação do professor na sala e as mediações realizadas, segundo o entrevistado 03, se viu na sala de aula, quando desenvolveu a função de monitor, proporcionado por um programa educacional, posteriormente, passou a desempenhar a função de intérprete, sendo esse o divisor de águas, deixando-lhe claro sua vontade de atuar na educação, de se tornar um profissional, buscando a instituição para realização deste sonho, que em breve se tornará real, concreto.

Então, como eu falei anteriormente, eu já trabalhei como professor, intérprete, auxiliando o professor/profissional, né, então isso já me motivou muito mesmo, mas eu trabalhei<sup>1</sup> na primeira oportunidade, eu trabalhava como monitor, no programa chamado mais educação, né, ali eu ficava sempre, assim, fazendo o meu melhor, aí o professor responsável me chamou pra ir atuar como intérprete, aí, foi onde eu já comecei a me apaixonar pelo trabalho, que os professores fizeram durante o nosso trabalho, por isso que eu gostei muito, como professor, ai hoje estou fazendo curso para ser professor mesmo, né, daqui alguns meses, já me sinto, assim, profissional, um professor

mesmo, pois antes eu não era, não um profissional, agora estou sendo, daqui alguns meses, já vou ser profissional né, para assumir a sala né. (Entrevistado 03)

Com base nas questões e apontamentos das concepções de trajetória dos entrevistados, abordados, analisados e pontuados, empreende-se as seguintes anamneses, quanto aos distintos percursos almejados à presente instituição de educação, entende-se que os desejos, atrelados ao contato direto com a sala de aula, motivaram na escolha do curso de pedagogia, assim, buscam permanecer no curso, até a conclusão.

Os transcurros dos entrevistados na formação docente, durante a realização das coletas dos depoimentos, deixam claro, que o percurso foi desafiador em diferentes maneiras, no tópico a seguir, que trará as representações dos entrevistados, quanto ao curso de Pedagogia ofertado pela Unifesspa.

## **6.2. A representação do curso de Pedagogia**

Quando questionado às concepções ao adentrar no curso, suas representações no sentido que antecede, juntamente com os entendimentos em relação ao curso de Pedagogia, à entrevistada 01, inicia ter sempre desejado cursar em uma IES pública, ela trazia consigo uma concepção da IES, concepções essas instauradas pelo olhar o julgar dos outros, uma vez que, as universidades públicas costumam ser caracterizadas como um ambiente libertino, e que os estudantes consomem diferentes tipos de entorpecentes, drogas ilegais, consumos de bebidas alcoólicas, todavia, essas interpretações equivocadas dos discentes que ultrapassa os muros da IES, compromete e despreza o sonho de muitos, essas imagens deturpadas podem dispor de sentimentos ocultos de indivíduos o qual talvez não conseguiram adentrar a IES, restando-lhes apenas como solução depreciar a imagem da instituição.

Ainda de acordo com a entrevistada 01 e a relação de percepção quanto ao adentrar a IES foi,

Assim, a gente sempre almeja uma faculdade pública, quando a gente tá aqui fora, o que a gente ouve é que (não dá para entender a

fala, ficou mudo), pública, principalmente na Federal, só tem cachaça, [...] droga, e ao adentrar na perspectiva educacional, a gente espera o melhor, por que a gente sabe que é uma faculdade boa, tipo que todo mundo almeja, até quem tem dinheiro, e vem de escola particulares, preferem a Federal né, porque sabem que o ensino é muito bom, e ao adentrar a faculdade a gente ver que a realidade é totalmente diferente, que não se resume apenas em festas, orgias e drogas, mas, existe ensino, e um ensino de verdade, com qualidade né, onde os professores se preocupam com a educação, em transmitir (ficou mudo), que eles já possuem conhecimento e formar alunos, não meros reprodutores, mas, alunos, e pessoas críticas reflexivas, e é isso”. (Entrevistada 01)

A representação do trajeto do curso de Pedagogia para a entrevistada 01 definindo-a como restrita, pois dispõe de uma concepção da educação básica, em que o professor apresentava um papel de “transmissor” de conteúdos, no aspecto superficial, já na IES, cabe ao discente constituir seu aprendizado profissional, logo, o docente desempenha a função de mediador, ressaltando deste modo a busca pelos referenciais teóricos que elucidaram seus pensamentos, buscando sempre variados modos de se desempenhar à docência, analisando as especificidades de seus alunos, pois metodologias são necessárias para atingir competências e habilidades, posicionado nas falas a seguir.

No início quando a gente entra na faculdade, a gente tem assim a mente fechada, tipo a gente tá acostumado a ver somente aquela educação, assim, tipo, vamos se dizer, só o básico do básico, e olhe lá, e quando a gente entra na faculdade, e a gente tá acostumado com o professor chega ali na frente e mastigar o conteúdo, e quando a gente tá na faculdade não, você tem que ir em busca do seu conhecimento, o professor, ele tá ali para mediar, para te ajudar a obter o conhecimento, mas você também tem que ir atrás, você tem que estudar, tem que ler. Tem que conhecer os filósofos, e aí, a gente tem que sair da caixa, tem que começar a pensar diferente, você tem que abrir a sua mente né, pra poder [...] conhecer aquele mundo novo que você está imerso ali, e hoje, tipo, após 8º semestres de faculdade, a gente tem uma visão diferente, né, porque, a gente aprende como um professor tem que ser, ele não tem que ser um professor reprodutor, ele tem que fazer o aluno ser crítico, reflexivo, ele tem que ter várias formas de alfabetizar, ele precisa conhecer a realidade do seu aluno, e não somente julgar o seu aluno, dizer que ele não aprende, que ele é preguiçoso, e a gente tem que ter estratégias, a gente aprende que o professor tem que ser mediador do conhecimento, é isso. (Entrevistada 01)

Ao realizar a mesma pergunta a entrevistada 02 pontua que, o objetivo de adentrar a uma Universidade Federal é o desejo de muitos indivíduos, por se tratar

de IES de prestígio em todo o território brasileiro, trazendo consigo as incumbências da instituição, em comparativo a educação a distância (EaD), que passa por discriminação, por não ser renomada. Percorrendo na fala da entrevistada 02, a mesma instituiu que realizaria e cursaria Pedagogia, expondo suas afinidades adquiridas no percurso,

É, todo mundo sonha com uma Federal né, porque a Federal tem assim um peso, tem uma responsabilidade né, é, não é igual ao ensino a distância, que ele é muito discriminado, então assim, é todos sonham com a universidade Federal, pública federal, né. Então foi que nem eu, meu objetivo também, cursar uma federal, aí o curso de pedagogia, eu como já falei anteriormente, eu me identifiquei né com o curso de pedagogia, e agora que nós já estamos na reta final, eu não vejo a hora de finalizar logo tudo. (Entrevistada 02)

A representação do curso de Pedagogia para o entrevistado 03, no trecho em que ele exterioriza seus sentimentos e angústias, acometidas no trajeto de formação, presumindo em razão do papel que a universidade teria em preparar os estudantes da graduação, no sentido direto para atuação, mas, deparou-se com a construção do profissional, munido das etapas teóricas, já que deverão servir de pilar nas mediações do fazer docente. Outro apontamento realizado é o campo da prática, proporcionado pelos estágios supervisionados, no caso do PPC do curso de Pedagogia vigente, instaura-se a obrigação dos discente do curso o dever de realizar a disciplina de estágio desde o primeiro semestre da graduação, totalizando 08 estágios supervisados, voltados para diferentes áreas de atuação, em que deve se haver, as etapas de observação, regência e intervenção. Para o entrevistado 03, desenvolver tais atividades de estágios, lhe proporcionou estímulos e ideias distintas de se trabalhar com a educação.

Então, assim, a minha trajetória na faculdade, assim é, pensei, quase desistir na metade do curso, né, eu, como, pensei que era assim, pensava assim, que a faculdade era própria para os alunos serem professores, como um estágio né, quando, no meu pensamento era assim, é ensinar os alunos, quando cheguei na faculdade era diferente, eram várias disciplinas para estudar.[...] , também quando estagiei, com os colegas, uma motivação, para eu continuar no meu curso, me apaixonei pelos trabalhos, quando observava os profissionais que atuam na cidade, em relação ao trabalhar com as crianças, eu gostei e me apaixonei, por isso também me motivou muito para continuar nesse curso.

Eu busco ajudar meu povo, pra é alfabetizar nossas crianças, né, porque, assim, as nossas crianças, elas estão sendo alfabetizadas pela segunda língua, que é à língua Portuguesa né, então dificultou

muito os profissionais que atuam hoje né na aldeia, então, esse é o nosso pensamento e do meu colega aqui, que faz faculdade né, terminando e nosso objetivo é esse, e ocupar as salas da aldeia é alfabetizar nossas crianças, que estão tendo muitas dificuldades, em relação à língua e a linguagem, né, porque assim, hoje no meu ponto de vista, agora é né, e estão sendo um pouco mais difícil agora, porque, nós temos professores, que chamam de intérpretes, ou seja, aquele que traduz, para amparar o professor, ele explica o conteúdo para os alunos, e agora, no momento, os nossos alunos estão sendo alfabetizados, têm alunos já um pouco avançado, em relação ao aprendizado, então hoje nós temos, faculdades na aldeia, dentro da aldeia, é isso é super importante também, pois atestar cada vez mais ao nosso povo, né, são, então é isso que estou fazendo lá para o meu povo,[...]. (Entrevistado 03)

É muito importante e marcante está fala do entrevistado 03, pois transmite uma preocupação na educação das crianças indígenas e o processo de alfabetização das línguas Portuguesa e da língua Xikrin, pois segundo ele, as crianças encontram-se sendo alfabetizado somente na língua Portuguesa, deixando de lado a língua materna da comunidade deles, evidencia que ao se formar, deseja passar a ser responsável pela educação de sua comunidade, adquirindo assim espaço, que até então é desempenhado por professores não indígenas, finalizando sua fala, que está fazendo pela sua comunidade.

Em síntese, as representações do curso de Pedagogia para os três entrevistados, após análises de trechos de fala dirigidas, causam inicialmente estranheza, por se tratar de uma realidade nova, o primeiro contato com o curso, a apresentação, as inúmeras áreas do conhecimento que abrangem a educação, a relação de entender que pedagogia concentra-se conhecimentos científicos, sociais e educacionais, é atrelada aos conceitos como filosóficos, psicológicos, didáticos, dentre outros conceitos que compõem o currículo profissional, práticas como, entender as diferentes e múltiplas formas de se mediar o aprendizado.

Na unidade nomeada de “desafios”, apresenta pontos notáveis dos entrevistados, quanto discentes de graduação em Pedagogia, desafios e questionamentos.

### 6.3. Desafios

Atrelados a assistência prestada pela IES para manutenção e permanência dos graduandos no curso, no contexto da pandemia da Covid-19, em conformidades com textos que embasam discussões acerca dos recursos financeiros proporcionados a estudantes que se encontram em vulnerabilidade socioeconômica a permanecer e concluir a graduação, referidos nos capítulos anteriores do presente estudo, compreende-se um dos principais enfoques da pesquisa, o qual são os desafios enfrentados pelos entrevistados para permanecer no curso.

Ao indagar-se a respeito dos desafios enfrentados no percurso, a entrevistada 01 define as etapas percorridas como árduas, partindo das primícias como as problemáticas financeiras, seguidas pelas dificuldades de acesso ao transporte público, pontuando fatores familiares, a falta de capital para subsidiar sua permanência e alimentação familiar, enxergando no curso de Pedagogia a saída para mudar não somente a sua realidade, como a da sua família.

Ao ingressar na IES, buscou assistencialização na universidade, ofertada pela mesma, com denominação de Auxílio estudantil, um programa subdividido em permanência, moradia, creche e transporte, podendo apenas acumular de dois a três dos auxílios prestados. Ademais, a entrevistada 01 conquistou uma assistencialização, além do estágio remunerado e não obrigatório, disponibilizado pelo CIEE (Centro de Integração Empresa-Escola) atuando como acompanhante de crianças com deficiências em escolas públicas de Marabá, meios esses que lhe permitiu subsídios financeiros para persistir na graduação.

[...] Desde o início não foi fácil, por que a gente tem problemas financeiros, é problemas com transporte, e quando eu iniciei na faculdade foi um período bem difícil, não só para mim, tipo, mas para a minha família, foi um período em que a minha mãe estava trabalhando como faxineira, na cidade jardim, e ela tinha que ir né, tipo ela pegava carona, então o que ela ganhava estava dando tipo mau para gente, o pai estava sem trabalhar, o que ela ganhava, tava dando mal pra gente, então, [...] assim, durante é, ali eu via a Pedagogia como a solução né, por que a minha mãe, ela tava trabalhando como faxineira, o meu pai estava sem trabalhar, é foi na pedagogia, que eu conseguir a bolsa/auxílio né, que ajudou e também um estágio que também ajudou financeiramente[...]" "Com certeza eu teria desistido, hoje eu não estaria finalizando o 8º semestre, por que, pra se locomover para a universidade, você

precisa do dinheiro do transporte, no meu caso que iria de ônibus, então se eu não tivesse esse auxílio, com certeza eu não teria permanecido, por que o que minha mãe tava ganhando na época era pouco, dava mau para a gente compra o alimento, muito difícil, as xerox então, com certeza [...] não teria dinheiro para tirar as xerox, para poder estudar, imprimir os textos, com certeza não estaria na Pedagogia. (Entrevistada 01)

De acordo com a fala desta entrevistada, caso não dispusesse da assistência estudantil da IES, atualmente não chegaria ao final do curso, pois as despesas eram muitas, tendo que repartir com gastos diários, como alimentação, saúde, energia, entre outras. Não restando para investir em materiais didáticos do curso, pois, os investimentos acabam sendo altos no decorrer dos 8º semestres de curso, uma vez que, os discentes de Pedagogia devem realizar estágios a partir do início das aulas, até o último semestre.

As aulas ministradas no ensino remoto evidenciaram as problemáticas enfrentadas pelos estudantes, no caso da entrevistada 01, permanecer nas aulas *online* tornou-se uma tarefa árdua, permanecer conectada, então foi desafiador, de início a entrevistada 01 contava apenas com a rede de dados móveis, passando por sufocos diariamente, tendo que deixar o aparelho de celular imóvel, em uma posição que conectava à internet, tais problemáticas só mudaram quando instalou o *wi-fi*, não solucionando seus dilemas, apenas minimizando-os, pois havia obstáculos quando precisava realizar as atividades acadêmicas, como leitura e produção, eram feitas no próprio celular, por não ter um notebook ou computador.

“Pra mim, foi um pouco mais que o ensino presencial, [...] aqui onde eu moro, o sinal, ele não é de qualidade, ele é muito ruim, e quando voltou as aulas na forma remota, eu ainda não tinha *wi-fi* em casa, então era só com os dados móveis, e no celular, então eu tinha que colocar o celular no braço do sofá, que era onde pegava mais sinal, e deixar lá, não podia nem tirar o celular, nem mover do lugar, por que se não caía a internet e saía da aula, e sem contar também, que eu não tenho computador, né, então é só o celular, agora deu uma melhorada depois que coloquei o *wi-fi* né, porque agora dá para mexer pegar o celular, apresentar um trabalho, porém ainda é muito difícil, porque tem que lê os textos no celular, e é muito difícil por ser muito pequeno, fazer os trabalhos também tudo no celular, pelo fato de não ter um computador. (Entrevistada 01)

Já para a entrevistada 02, os desafios foram ao ingressar, pois a experiência adquirida do estágio, remeteu-lhe um sentimento de incoerência, afirmando a não existência de conhecimentos teóricos, que lhe qualificaria para

atuação no espaço, ligado à sua idade de entrada no curso, esses mistos de sentimentos ocasionados pela aflição do desconhecido, levou-a cogitar desistir. Já no período pandêmico os desafios se apresentaram transfigurados, nessa ocasião, os problemas foram as tecnologias, mídias e ferramentas digitais, recursos essas até então não utilizados no processo de ensino-aprendizagem, simultaneamente, passando a investir valores que ultrapassavam a sua estimativa determinada, com problemáticas ligada a conexão, ao consumo diário total dos dados móveis, a instabilidade na conexão, o uso de rede de internet de terceiros, para acompanhar as aulas no formato remoto, o celular não suportar o exorbitante número de aplicativos, são uns dos fatores apresentados pela entrevistada 02, no segmento abaixo.

Assim, a minha trajetória assim no curso de pedagogia, assim, já foi logo no início né, porque nós já fomos por campo de estágio, sem ter noção de nada, tipo assim, caio de paraquedas, então foi assim, tudo novo pra mim, e contar devido a minha idade, agora que tô com 50, ingressei com 46 né, aí então, assim, foi é tudo pra mim foi novidade, o que dificultou muito no início foi logo eu ter ido para o campo de estágio né, aí assim, né, meu deus, o que eu tô fazendo aqui, o que é isso mesmo que eu quero? Aí às vezes, eu ainda pensei em desistir, aí o período pandêmico [...] piorou né, por que esse campo aí eu não domino, aí eu, meu deus do céu, e era sala de aula, era o *meet*, eram muitas ferramentas pra mim, aí eu ficava louca. Pois é, como eu estava falando né, então assim, pesou muito também no orçamento, porque, como eu uso dados móveis, aí, é, aula todos os dias às vezes, com duração de 04 horas, aí então acabava o meu pacote da internet, aí eu tinha que tá comprando, assim né, pra continuar, e às vezes nem dava, aí eu tinha que ir lá para a casa da vizinha, porque lá tinha *wi-fi*, aí pra mim conseguir acompanhar, a foi tudo assim difícil também, em termo de celular não aguentar, por que eram vários aplicativos, aí não, isso tudo foi muito difícil pra mim. (Entrevistada 02)

Ao questionar o entrevistado 03 sobre seus desafios no decorrer do curso de Pedagogia, o mesmo respondeu que dispõe de dificuldades em relação à língua portuguesa, uma vez que foi alfabetizado na sua língua materna, neste caso a língua Xikrin, tornando a língua portuguesa difícil para compreensão, contudo, pensa e busca o melhor por sua comunidade, almejando sua formação que somará de forma significativa para sua comunidade, expressando o orgulho de um dos indígenas a se formar de sua comunidade Xikrin.

[...] apesar disso, tenho muitas dificuldades em relação ao aprendizado e também a língua que acho bem difícil né, a língua

portuguesa, então, mesmo assim continuo lutando, é um desafio muito grande para mim, mas mesmo assim eu estava ali, firme e forte, tentando e pesando na comunidade, nas nossas crianças, minha família né, pra buscar o melhor pra mim, então me dá forças né, pra continuar na faculdade, hoje já estou terminando, e fico muito feliz mesmo, por ser o segundo ou o terceiro indígena Xikrin se formando em Pedagogia, por que tenho um primo/amigo que já formou, e hoje posso ser o segundo ou o terceiro Xikrin formando né, então, assim é um desafio para nós, um desafio muito grande para nós, em relação à língua indígena, mas mesmo assim, eu estava ali firme, para continuar e terminar né, e assumir e fazer meu trabalho. (Entrevistado 03)

Quando perguntado sobre a questão financeira, o entrevistado 03, fala das dificuldades de adaptação na cidade e as oposições da aldeia, a vivência, como ter que passar a pagar aluguel, água, passando a contar com ajuda de seus pais e familiares, para permanecer no curso, enfrentando em diferentes fases em abandonar a universidade.

Enquanto a situação financeira, eu quase deixei de estudar, e voltar para aldeia, quase desistir, porque causa da relação financeira, porque, assim, sofri muito né, devido a realidade, pois a comunidade é diferente, e quando cheguei aqui, foi uma diferença muito grande, em relação a nossa comunidade, pois aqui na cidade tudo é pago, você tem que pagar aluguel, tem que pagar luz, água, alimentação, tudo. Então, eu passei muita dificuldade, na questão financeira, né, eu, mas assim, com a ajuda do meu pai, e também da ajuda da minha própria esposa, né, me ajudaram muito, para permanecer na cidade, em busca de conhecimento, então temos a proteção também, às vezes, eles me amparam um pouco, me davam alimentos né, e assim, relação a faculdade mesmo, na sala de aula, eu quase parei mesmo, quando estava tendo muitas dificuldades, obstáculos né, e como falei anteriormente, quase desistir, mas eu estava sempre ali, eu meus colegas indígenas [...]. (Entrevistado 03)

Foi perguntado às entrevistadas 01 e 02, sobre a concessão da assistência tecnológica disponibilizada para discentes, ambas informaram que não pleitearam a assistência, segundo elas, amigas do curso tentaram, mas, não obtiveram êxito no processo seletivo, intitulando-o de burocrático, pois, gastavam-se muito para não conseguir no final.

Eu não tentei concorrer, olhei o edital, mas colegas que precisavam, disseram que era muito difícil, muito complicado, que acabava com toda a internet que tinha, para tentar conseguir e não conseguiram. (Expressou a entrevistada 01)

De imediato a entrevistada 02 respondeu:

Sim, a universidade disponibilizou né o chip, mas era muita burocracia para conseguir esse chip, eu nem tentei, porque, teve várias colegas que foram solicitar esse chip, aí diz que tinha que pagar tanta documentação, e aí era tanta exigência, que saiu até mais caro assim, porque, é tanto documento, tira cópia, faz no sei o que, por resto, aí ela (a colega), largou de mão, aí eu nem tentei.[...] Não concorri a nada não, devido assim, há muita burocracia, né, assim porque, fala que é recurso pros alunos, mas a burocracia é tão grande, que você até desiste, eu devido ver o que as outras estão passando, eu nem tentei, ai eu fiquei me virando do jeito que dava” (Entrevistada 02)

O entrevistado 03 é assistido por um programa do Ministério da Educação, chamado Bolsa Permanência para alunos indígenas e quilombolas, auxílio esse que lhe permitiu custear as despesas no município no qual estuda, como aluguel, alimentação e custos do curso. Segundo ele, o programa é oriundo de lutas travadas pelos mesmos, garantindo-lhes permanecer na graduação. Ele esclarece que nos primeiros meses é árduo, porém, assim que começam a receber, seguem até a conclusão.

A gente recebe, mas isso não ajudou muito, eu já morei quase, durante esse curso aí, pagando né, as despesas com esse dinheiro/recursos, que é o programa/bolsa permanência, me ajudou muito mesmo, se não fosse esse dinheiro eu não estaria aqui, concluindo esse curso. Essa bolsa me ajudou muito mesmo, por causa dessa bolsa, eu nunca atrasei e deixei de pagar meu aluguel, sempre pagando direitinho as minhas contas, então me ajudou muito mesmo, tenho só agradecer a universidade e os direitos garantidos aos indígenas e quilombolas, porque esse programa.

No começo era sempre bem difícil para nós, e para os quilombolas, né, muito difícil mesmo, pois os indígenas tiveram que ir para a sede em Brasília, lutar mesmo pra conseguir essa bolsa, este ano mesmo, tiveram que ir lá, brigar por nossos direitos, pra ter essa bolsa, para permanecer na cidade e concluir o curso. Então, no começo é bem difícil, nos três ou quatro meses, esperando por essa bolsa, no começo é difícil, mas depois disso, quando começa a receber, já fica normal, a gente recebe todo mês, até concluir o curso.” Então, como falei, essa bolsa, me ajudou muito, pouca, mas ajuda, hoje em dia a gente, na cidade, em plena pandemia, com os preços elevados, das casas, da comida, aumentaram muito, mas ajuda sim, se não fosse essa bolsa, eu não estaria aqui concluindo o curso, pois o que recebo pela associação é muito pouco, não dá para sustentar, pois eu tenho família, tenho que deixar o dinheiro para ela, passa recurso e ficar com nada, então essa bolsa ajuda muito para a minha permanência. (Entrevistado 03)

Os desafios enfrentados pelos entrevistados nos 08 semestres cursando Pedagogia, ao passar de 4 anos, sem sombra de dúvidas, são experiências pessoais, tornando suas falas experiências que constituíram seus profissionais,

pois em conformidade com Tardif (2012), não é possível desvincular o pessoal do profissional.

Nota-se nas falas quando retratadas o fator econômico, em que a entrevistada 01 e o entrevistado 03 são assistidos pelos programas de assistencialização discente, sendo-lhes proporcionados suas permanências até a sua formação no curso em questão, no entanto, no caso da entrevistada 02 que não dispõe de amparo financeiro da IES, buscou solucionar os desafios econômicos e tecnológicos, utilizando-se de recursos próprios, frente as burocracias apresentadas para obtenção dos auxílios.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de formação docente encontra-se constituído de desafios no decorrer da trajetória acadêmica, uma vez que, em conformidade com as análises realizadas nos capítulos preexistentes neste estudo, deixa explícito o quanto o discente de graduação e as inferências do “novo” sistema de mediação das aulas, ocasionado pelo período pandêmico, período esse que permitiu observar as alarmantes desigualdades sociais e o processo de acesso a determinados recursos e mídias, fazendo com que os entrevistados apresentassem em suas falas as problemáticas e os desafios ao adaptassem ao ensino remoto, principalmente aqueles que não detinham de capital financeiros.

Atrelado as adversidades do momento atípico, as áreas de licenciaturas, é um dos âmbito em que mais se vivência práticas de desqualificação da profissão, quando centrado essa desvalorização da profissão o curso de Pedagogia, bem como, os profissionais da área são abordados de forma ironizada, onde na área de atuação encontram-se voltada “apenas” para aqueles que gostam de crianças ou que não dispõem de “talentos” para outras áreas, surgem falas satirizando os materiais lúdicos planejados e desenvolvidos pelas profissionais, todavia, sabe-se a relevância da educação e os processos de aprendizagem estimulados por intermédios de práticas lúdicas.

Ao referir-se sobre os profissionais da educação, neste caso dos pedagogos, deve-se abordar a respeito do percurso de formação e os saberes o qual compõem o profissional, conforme destacado neste trabalho, trata-se acerca da formação do profissional contemporâneo, trazendo discussões históricas, interligadas a questões políticas, objetivando uma educação que estimulasse o senso crítico e social, na busca de equidade de direitos devendo ser encargo do Estado.

Quanto ao objetivo deste trabalho, questionamentos feitos inicialmente, foram respondidos pelos entrevistados no decorrer desta produção, presente no capítulo 6 que foi subdividido em três subtópicos, quanto a assistência estudantil prestada pela universidade, o motivo pelo qual não pleitearam estas políticas, como a trajetórias e os desafios enfrentados na permanência da graduação. Para responder tais inquietações, foram realizadas 03 entrevistas semiestruturadas, por intermédio de

entrevistas gravadas, via chamada de áudio, seguido com as transcrições das informações prestadas.

Os entrevistados convidados a participarem de forma voluntária da pesquisa, representam três perspectivas distintas de graduandos, onde a primeira entrevistada é assistida pelo programa de permanência da universidade, todavia, não pleiteou a assistência tecnológica disponibilizada pela IES, definindo o processo seletivo como burocrático, já a segunda entrevista não é assistida por qualquer programa permanência da IES apresentando a complexidade para concessão dos mesmos, no caso do entrevistado três, enquadra-se em outra modalidade de assistência, neste caso, a bolsa permanência para alunos Indígenas e Quilombolas, disponibilizada pelo MEC, o que observou-se é que os três entrevistados apresentaram realidades particulares, tal qual, trajetórias e desafios, contudo, seguiram firmes no curso.

Ao analisar os dados apresentados pelos entrevistados e relaciona-los com as concepções fundamentadas e elucidadas, deixa-se claro as realidades enfrentadas, seguido com a representação dos fatos reais retratados no capítulo 6. Desta forma, as assistências estudantis realizadas pelas Universidades devem estar centradas no desenvolvimento social e humano dos discentes.

A realidade encontrada sobre as políticas de assistências estudantis, podem determinar os desafios que permeiam as instituições de ensino, bem como na Unifesspa, é notório o quantitativo de bolsas e recursos disponibilizados para os discentes que encontram-se em vulnerabilidade socioeconômica, não está dialogando com a realidade acadêmica dos graduandos, uma vez que, os aumentos dos estudantes os quais adentram as IFES, é maior que o quantitativo de recursos disponibilizados para custear as despesas básicas dos estudantes. Ao se comparar e analisar essas informações na contemporaneidade, o uso de ferramentas e mídias digitais constituem o processo de ensino aprendizagem dos graduandos, essas tecnologias e mecanismos devem ou deveriam viabilizar a formação apta, que não prejudique o aprendizado dos discentes.

As discussões levantadas no decorrer deste trabalho de conclusão de curso, buscou apresentar as falas dos graduandos, representando as múltiplas atividades e papéis de cada estudante que almeja um curso em uma universidade pública federal, juntamente com seus desafios para permanência.

Não se pretende esgotar este debate, uma vez que, muitas outras áreas e perspectivas podem ser estudadas e interligadas com a temática levantada, deve-se procurar entender a partir das experiências dos principais responsáveis pela existência das Instituições de Ensino Superior, que são seu corpo discente.

Para além da formação e a assistencialização, existe os desafios encarados no decorrer do curso, como financeiro e acesso aos recursos e mídias digitais, este último foram ainda mais agravantes e evidenciados no período pandêmico, nomeadamente exemplificado as dificuldades à permanência nas aulas no formato remoto, ocasionados pela instabilidade de rede de dados moveis ou equipamentos digitais que lhes permitissem acompanhar as aulas, as complexidades ao acesso e manuseio dos recursos digitais, bem como aplicativos e ferramentas que realizavam essa mediação entre aluno e professor, conforme destacados pelos entrevistados.

Assim, conclui-se que tal pesquisa pode contribuir, quanto as composições da formação e da assistência estudantil prestada aos discentes, e o papel da universidade pública quanto instituição na busca por maiores recursos que subsidie a conclusão e minimização de evasão, tal como à luta por políticas públicas e não o sucateamento das universidades, pois cortes não são soluções. A educação é direito de todos e dever do Estado, bem como de seus governantes, permitir e manter a educação do Brasil, viva as Universidades Públicas Federais para todos.

## REFERÊNCIAS

**ANDRÉ**, Marli; **GATTI**, Bernardete A. **Métodos Qualitativos de Pesquisa em Educação no Brasil: Origens e Evolução**. Simpósio Brasileiro-Alemão de Pesquisa Qualitativa e Interpretação de dados. Realizado na Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, 26 a 28 de Mar. 2008.

**BRASIL**. Decreto n. 7.234, de 19 de Julho de 2010. **Dispõe sobre o Programa Nacional de Assistência Estudantil – PNAES**. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2010/Decreto/D7234.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Decreto/D7234.htm)>. Acesso em: 26 de Maio de 2021.

**CARVALHO**, Rayana; **JEZINE**, Edineide. **Permanência na Educação Superior: “um peso, duas medidas”**. Espaço do Currículo, v. 9, n. 1, p. 108-120, Janeiro a abril de 2016. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/rec>> Acesso em: 30 de novembro de 2021.

**CUNHA**, Emmanuel Ribeiro. **Os saberes docentes ou saberes dos professores**. Tese de Doutorado em Educação defendida em 05 de maio de 2003, Programa de Pós-Graduação em Educação, UFRN.

**COSTA**, Evyla da Silva. **Vulnerabilidade Social no Contexto Escolar: Implicações no desempenho e aprendizagem**. VI Congresso Nacional de Educação, Conedu, 2019. Disponível em: <<https://www.editorarealize.com.br/index.php/artigo/visualizar/63001>> Acesso em: 01 de Dezembro de 2021.

**DIAS**, Brysa Yasmin Cabral; **ARRUDA**, Ana Lúcia Borba de; **AGUIAR**, Natália Jimena da Silva. **Enfrentamentos da Vulnerabilidade Social na Escola: uma Análise a partir dos projetos políticos pedagógicos**. Disponível em: <<https://www.ufpe.br/documents/39399/2403144/DIAS%3B+ARRUDA%3B+AGUIAR+++2019.1.pdf/81d9eb29-9af8-44b1-8c0a-35a025045715>> Acesso em: 30 de novembro de 2021.

**HENGLES**, Aaron Concha Vasquez; **PEREIRA**, Marcos Villela. **Um Estudo Sobre Evasão e Permanência em Instituições de Ensino Superior no Rio Grande do Sul: características do tipo do estado de conhecimento**. Rev. Elet. Cient. UERGS, v. 3, n. 1, p. 95-128, 2017. Disponível em: < > acesso em: 26 de Maio de 2021.

**IMPERATORI, Thaís Kristosch. A trajetória da assistência estudantil na educação superior Brasileira.** Serv. Soc. Soc., São Paulo, n. 129, p. 285-303, maio/ago. 2017. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/0101-6628.109>>. Acesso em: 26 Maio de 2021.

**EDUCAÇÃO, Ministério da Educação. Plano Nacional de Assistência Estudantil-PNAES.** Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/pnaes#:~:text=O%20Pnaes%20oferece%20assist%C3%AAncia%20%C3%A0,avaliar%20o%20desenvolvimento%20do%20programa>> Acesso em: 28 de Maio de 2021.

**GIL, Antônio C. Métodos e técnicas de pesquisa social.** 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

**GAUTHIER, Clermont et al. Por uma teoria da Pedagogia.** Ijuí: Unijuí, 1998.

**MENDONÇA, Priscilla Bibiano de Oliveira. A Metodologia Científica em Pesquisas Educacionais: Pensar e Fazer Ciência.** Interfaces Científicas-Educação. Aracaju. V.5, N.3, p.87- 96. Jun.2017.

**SANTOS, Claudia Priscila Chupel dos; MARAFON, Nelize Moscon. A Política de Assistência Estudantil na Universidade Pública Brasileira: desafios para o Serviço Social.** Textos & Contextos (Porto Alegre), v. 15, n. 2, p. 408-422, Ago./dez. 2016. Disponível em:<[https://www.researchgate.net/publication/313503065\\_A\\_Politica\\_de\\_Assistencia\\_Estudantil\\_na\\_Universidade\\_Publica\\_Brasileira\\_os\\_desafios\\_para\\_o\\_Servico\\_Social](https://www.researchgate.net/publication/313503065_A_Politica_de_Assistencia_Estudantil_na_Universidade_Publica_Brasileira_os_desafios_para_o_Servico_Social)>. Acesso em: 28 de Maio de 2021.

**UNIFESSPA, PROEX. Programa Conecta Unifesspa.** Disponível em: <[https://proex.unifesspa.edu.br/ultimas-noticias/1173-programa\\_conecta\\_edital\\_08\\_2021.html](https://proex.unifesspa.edu.br/ultimas-noticias/1173-programa_conecta_edital_08_2021.html)> Acesso em: 29 de Maio de 2021.

\_\_\_\_\_, **Sistema Assistência Estudantil.** Disponível em: <<https://sae.unifesspa.edu.br/inicial.php>> Acesso em: 30 de Maio de 2021.

**RIBEIRO, Renata Maia; LORÊDO, M. B; PIAU, D. B; ARAÚJO, L. P. M. Políticas Públicas como Forma de Minimizar a Desigualdade Digital Evidenciada pela Pandemia.** CONEDU- VI Congresso Nacional de Educação, 2020. Disponível em: <[https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&url=https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2020/TRABALHO\\_EV140\\_MD1\\_SA21\\_ID7309\\_0110202018](https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&url=https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2020/TRABALHO_EV140_MD1_SA21_ID7309_0110202018)>

4941.pdf&ved=2ahUKEwjFwZLI49b0AhVaHbkGHcNqDJYQFnoECBIQBg&usg=AOvVaw1Nf7afWAOJFIKXc2leq3Bp> Acesso em: 01 de Dezembro de 2021.

**SAHÃO, F. T;** et al. **Ensino Superior em Tempos de Pandemia: Diretrizes à Gestão Universitária.** Debates & Polêmicas. Educ. Soc., Campinas, v. 41, e238957, 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/es/a/8yWPh7tSfp4rwtcs4YTxtfr/?lang=pt>> Acesso em: 30 de novembro de 2021.

**SOUSA, Letícia Pereira; PORTES, Écio Antônio. As propostas de políticas/ações afirmativas das universidades públicas e as políticas/ ações de permanência nos ordenamentos legais.** R. bras. Est. Pedag., Brasília, v. 92, n. 232, p. 516-541, set./dez.2011. Disponível em: <[https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&url=http://flacso.redelivre.org.br/files/2012/07/24.pdf&ved=2ahUKEwjFoYaR5db0AhWIF7kGHUpGBySQFnoECAcQAQ&usg=AOvVaw1m15OmBYSasHz1\\_HyoNqcs](https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&url=http://flacso.redelivre.org.br/files/2012/07/24.pdf&ved=2ahUKEwjFoYaR5db0AhWIF7kGHUpGBySQFnoECAcQAQ&usg=AOvVaw1m15OmBYSasHz1_HyoNqcs)> Acesso em: 30 de Novembro de 2021.

**TARDIF, Maurice. Saberes docentes e formação profissional.** –Petrópolis, RJ. Vozes, 2012.-ed. 13.

### ENTREVISTA GRAVADA 03- entrevistado 03

**De início, foi-se tentado uma abordagem para marcação e realização da presente entrevista via aplicativo do *WhatsApp*, havendo a necessidade de diversas ligações, para a conclusão da entrevista, havendo contratempos no processo, como a falta de crédito para a realização da chamada.**

A ligação foi realizada por volta das 10:20 horas do dia 21 de abril de 2022, seguida como de praxe, informando ao entrevistado que a chamada encontra-se sendo gravada, resvalando-lhe sobre a entrevista o motivo e os objetivos da entrevista encontra-se voltado para a elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso, TCC, da desta discente, sendo uma entrevista aberta, com perguntas voltadas e centrada o aluno/discente de Pedagogia da Unifesspa. Com a confirmação de entendimento da entrevistada: “Ok!”

Pesquisadora: “Bom dia (nome do entrevistado), estou lhe convidando, para que você realizar/ responder, algumas respostas que busco sanar, que venha contribuir no meu TCC, tá bom?” entrevistado 03 responde: “Tá bom!”.

Pesquisadora: “Então, as perguntas particulares, pois são centradas em você quando discente. Começando assim, eu queria que você se descrevesse de forma geral, seu nome, sua idade, o que você faz?”

Resposta do entrevistado 03: “Há tá.” (Neste momento ele informa que o áudio encontrava-se baixo, não entendendo a fala e a pergunta feita, pedido para repetir a pergunta feita, seguir na tentativa de melhoria do áudio, assim, repetir a pergunta feita).

Pesquisadora: “Então, para iniciar, gostaria que se descrevesse quanto à pessoa, seu nome, idade e o que faz.”

Entrevistado 03 responde: “Há tá, tá bom. Então é, meu nome é, me chamo Bepaka Xikrin, sou indígena, tenho 31 anos, e atualmente moro na cidade, né. Estudando e trabalhando agora, no momento né, sou agora coordenador da aldeia indígena e também da língua indígena Xikrin, então é nesses 4 anos, eu busco ajudar meu povo, pra é alfabetizar nossas crianças, né, porque, assim, as nossas crianças, elas estão sendo alfabetizadas pela segunda língua, que é à língua Portuguesa né, então

dificultou muito os profissionais que atuam hoje né na aldeia, então, esse é o nosso pensamento e do meu colega aqui, que faz faculdade né, terminando e nosso objetivo é esse, e ocupar as salas da aldeia é alfabetizar nossas crianças, que estão tendo muitas dificuldades, em relação à língua e a linguagem, né, por que assim, hoje no meu ponto de vista, agora é né, e estão sendo um pouco mais difícil agora, porque, nós temos professores, que chamam de intérpretes, ou seja, aquele que traduz, para amparar o professor, ele explica o conteúdo para os alunos, e agora, no momento, os nossos alunos estão sendo alfabetizados, têm alunos já um pouco avançado, em relação ao aprendizado, então hoje nós temos, faculdades na aldeia, dentro da aldeia, é isso é super importante também, pois atestar cada vez mais ao nosso povo, né, são, então é isso que estou fazendo lá para o meu povo, recentemente, no trabalho né, então é esse nosso objetivo, tratando com parceria, nossas crianças, botar eles para aprender, porque assim, a gente tá, o nosso desafio em relação à língua portuguesa, língua de vocês, que é mais, que eu considero difícil para nós, porque a gente sendo falado a segunda língua, a língua portuguesa, dificultava muito, mais a gente tá cada vez, conversando com colegas não indígenas, através disso, a gente tá aprendendo, aprendendo a falar, aprendendo a trabalhar né, e isso é importante pra nós e para nossa comunidade, então fico feliz por isso, então é isso minha fala. Agora estou trabalhando e estudando ao mesmo tempo. E fico feliz por mim mesmo, então é isso.”

Pesquisadora; “Certo, agora farei outra pergunta, referente a sua trajetória na educação né, já que você é bilíngue, você fala a língua Xikrin e domina a língua portuguesa, como foi a sua trajetória na educação, antes de entrar na universidade, no curso de pedagogia?”

Resposta do entrevistado 03: “Então, é assim, eu como eu trabalhava na educação como intérprete, né, então eu tive a oportunidade para mim fazer a faculdade, então eu deixei de trabalhar na comunidade, e me desloquei para a cidade, e assim, a gente vem lutando né, no começo, eu pensei muito em desistir, milhares de vezes, muitas vezes mesmo, pensava em desistir, mas a minha força de vontade né, para continuar, teve, que está sempre comigo, meus pais, estão ali me apoiando, apesar disso, tenho muitas dificuldades em relação ao aprendizado e também a língua que acho bem difícil né, a língua portuguesa, então, mesmo assim continuo lutando, é um desafio muito grande para mim, mas mesmo assim eu estava ali, firme e forte,

tentando e pesando na comunidade, nas nossas crianças, minha família né, pra buscar o melhor pra mim, então me dá forças né, pra continuar na faculdade, hoje já estou terminando, e fico muito feliz mesmo, por ser o segundo ou o terceiro indígena Xikrin se formando em Pedagogia, por que tenho um primo/amigo que já formou, e hoje posso ser o segundo ou o terceiro Xikrin formando né, então, assim é um desafio para nós, um desafio muito grande para nós, em relação à língua indígena, mas mesmo assim, eu estava ali firme, para continuar e terminar né, e assumir e fazer meu trabalho, então é isso.”

Pesquisadora: “(Nome do entrevistado) por que você escolheu pedagogia? O que te motivou a cursar pedagogia, como se deu essa escolha? Foi a sua primeira opção de curso, fala um pouco?”

Entrevistado 03: “Então, como eu falei anteriormente, eu já trabalhei como professor, interprete, auxiliando o professor/profissional, né, então isso já me motivou muito mesmo, mas eu trabalha na primeira oportunidade, eu trabalhava como monitor, no programa chamado mais educação, né, ali eu ficava sempre, assim, fazendo o meu melhor, aí o professor responsável me chamou pra ir atuar como intérprete, ai, foi onde eu já comecei a me apaixonar pelo trabalho, que os professores fizeram durante o nosso trabalho, por isso que eu gostei muito, como professor, ai hoje estou fazendo curso para ser professor mesmo, né, daqui alguns meses, já me sinto, assim, profissional, um professor mesmo, pois antes eu não era, não um profissional, agora estou sendo, daqui alguns meses, já vou ser profissional né, para assumir a sala né, então, também quando estagiei, com os colegas, uma motivação, para eu continuar no meu curso, me apaixonei pelos trabalhos, quando observava os profissionais que atuam na cidade, em relação ao trabalhar com as crianças, eu gostei e me apaixonei, por isso também me motivou muito para continuar nesse curso. Então é, daqui a alguns meses eu já vou ser um profissional, então, fico muito feliz, como falei anteriormente, me motivou muito, para ser professor, então eu no estágio me motivei ainda mais para continuar neste curso e terminar, concluir esse curso.”

Pesquisadora; “Agora pode me falar um pouco sobre sua trajetória no curso de pedagogia, as suas dificuldades, você pensou em desistir no começo do curso, no caso desses 8º semestres, quatro anos de cursando de pedagogia, como foi suas

trajetórias e desafios encontrados, teve dificuldades financeiras, fale-me um pouco a respeito.”

Entrevistado 03: “Então, assim, a minha trajetória na faculdade, assim é, pensei, quase desistir na metade do curso, né, eu, como, pensei que era assim, pensava assim, que a faculdade era própria para os alunos serem professores, como um estágio né, quando, no meu pensamento era assim, é ensinar os alunos, quando cheguei na faculdade era diferente, eram várias disciplinas para estudar, né, então, enquanto a situação financeira, eu quase deixei de estudar, e voltar para aldeia, quase desistir, por que causa da relação financeira, por que, assim, sofri muito né, devido a realidade, pois a comunidade é diferente, e quando cheguei aqui, foi uma diferença muito grande, em relação a nossa comunidade, pois aqui na cidade tudo é pago, você tem que pagar aluguel, tem que pagar luz, água, alimentação, tudo. Então, eu passei muita dificuldade, na questão financeira, né, eu, mas assim, com a ajuda do meu pai, e também da ajuda da minha própria esposa, né, me ajudaram muito, para permanecer na cidade, em busca de conhecimento, então temos a proteção também, às vezes, eles me amparam um pouco, me davam alimentos né, e assim, relação a faculdade mesmo, na sala de aula, eu quase parei mesmo, quando estava tendo muitas dificuldades, obstáculos né, e como falei anteriormente, quase desistir, mas eu estava sempre ali, eu meus colegas indígenas, que (nome do colega), a gente sempre damos força um para o outro, para permanecer, por que, todo a comunidade, sabe, e já sabe que a gente está ali, e fazendo faculdade, então, se desistir, ficará feio para nós, para nossos pais e amigos, então, isso também me motivou muito, então, a gente passou pelas dificuldades financeiras, também, na dificuldade da língua de vocês, que é a língua portuguesa, né, então assim, a gente, eu não era assim, era muito tímido para conversar, fazer amizade, então, eu não sei se iria terminar esse curso, estava conversando com um colega, para um dar forças para o outro, para permanecer e terminar esse curso. Isso é muito importante para nós, por causa de estamos sempre ali, enfrentado as dificuldades, sempre onde a gente vai, temos dificuldades, obstáculos muitos grandes para nós, mas mesmo assim, a gente tá ali, sempre forte, e um ajudando o outro, e terminando, a gente fica muito feliz, junto com os nossos pais e amigos, os colegas da aldeia fica feliz com nós, por que ali subimos de cargo, não é só pra nós, como também para os jovens, que estão ali, segundo também na faculdade, né, então pra gente está abrindo

barreiras pra conhecimentos diferentes, e a gente terminando, a gente fica feliz por nós mesmo, depois de muitas dificuldades em tudo, em relação a financeira, e também na aprendizagem, a gente tá alcançando nossos objetivos, realizando nossos sonhos, que é nós formar e assumir a sala, então é isso.”

Pesquisadora: “Para finalizar a entrevista, é quanto a assistencialização estudantil, para indígenas e quilombolas, você é assistido por esse programa disponibilizado pelo Mec?” - Entrevistado responde: “Não entendi.”

Pesquisadora: “A assistencialização indígena e quilombola, você é assistido por esse auxílio que o governo disponibiliza para as universidades, voltada para a permanência do estudante?”

Entrevistado: “Sim, a gente recebe, mas isso não ajudou muito, eu já morei quase, durante esse curso aí, pagando né, as despesas com esse dinheiro/recursos, que é o programa/bolsa permanência, me ajudou muito mesmo, se não fosse esse dinheiro eu não estaria aqui, concluindo esse curso. Essa bolsa me ajudou muito mesmo, por causa dessa bolsa, eu nunca atrasei e deixei de pagar meu aluguel, sempre pagando direitinho as minhas contas, então me ajudou muito mesmo, tenho só agradecer a universidade e os direitos garantidos aos indígenas e quilombolas, porque esse programa.”

Pesquisadora: “Quando a concessão de auxílio, você achou difícil esse processo, como ocorre esse processo seletivo para conseguir a bolsa permanência indígena e quilombola?”

Entrevistado: “No começo era sempre bem difícil para nós, e para os quilombolas, né, muito difícil mesmo, pois os indígenas tiveram que ir para a sede em Brasília, lutar mesmo pra conseguir essa bolsa, este ano mesmo, tiveram que ir lá, brigar por nossos direitos, pra ter essa bolsa, para permanecer na cidade e concluir o curso. Então, no começo é bem difícil, nos três ou quatro meses, esperando por essa bolsa, no começo é difícil, mas depois disso, quando começa a receber, já fica normal, a gente recebe todo mês, até concluir o curso.” Pesquisadora: “Então para finalizar, você julga que o fator econômico prejudica a permanência do estudante?”

Entrevistado: “então, como falei, essa bolsa, me ajudou muito, pouca mais ajuda, hoje em dia a gente, na cidade, em plena pandemia, com os preços elevados, das

casas, da comida, aumentaram muito, mas ajuda sim, se não fosse essa bolsa, eu não estaria aqui concluindo o curso, pois o que recebo pela associação é muito pouco, não dá para sustentar, pois eu tenho família, tenho que deixar o dinheiro para ela, passa recuso e ficar com nada, então essa bolsa ajuda muito para a minha permanência.

## ANEXOS

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA ESTUDANTES PARTICIPANTES DE PESQUISA DE CAMPO PARA TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ.

GRADUANDA: MILENE DHEISE MENDES RODRIGUES

AO (A) ESTUDANTE (A) \_\_\_\_\_, você está sendo convidada para participar, como voluntária da Pesquisa: Entrevista a respeito da formação docente em Pedagogia e as particularidades ocorridas no processo de Formação. A ser desenvolvida pela discente **MILENE DHEISE MENDES RODRIGUES**, graduanda do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, que está sob a orientação do prof. Dr, Tiese Rodrigues Teixeira jr. E-mail: [tiese@unifesspa.edu.br](mailto:tiese@unifesspa.edu.br) A pesquisa se desenvolverá dentro de uma abordagem qualitativa e apresenta como objetivo as experiências do discente de Pedagogia. Nesta pesquisa de TCC, pretende-se responder à pergunta de pesquisa: Quem é o estudante de Pedagogia da Unifesspa e quais suas inferências? Sua participação auxiliará na obtenção de dados que poderão ser utilizados para fins científicos proporcionando maiores informações e discussões que podem trazer benefícios para a área da Educação no Município de Marabá. A discente se compromete em cumprir todos os procedimentos éticos em uma produção científica, para isso alguns cuidados quanto a sua participação serão tomados:

1. Caso queira desistir da pesquisa, você poderá retirar seu consentimento, a qualquer momento. Sua recusa em participar não trará nenhum prejuízo em sua relação com as responsáveis pela pesquisa ou com a instituição ao qual está vinculada.
2. Os dados da pesquisa são confidenciais, portanto o seu nome em nenhum momento será citado na publicação dos resultados, pois, serão utilizados nomes fictícios com o cuidado devido, para que você não seja identificado.
3. O procedimento não causará danos algum à integridade do participante ou da Instituição a qual trabalha, sendo assegurado o sigilo sobre sua participação e do local.
4. Não haverá custos ou ganhos financeiros e nem riscos quanto a sua

participação na pesquisa. Você receberá uma cópia deste termo, onde constam telefone e o endereço do pesquisador principal, podendo tirar suas dúvidas sobre a pesquisa e a sua participação, a qualquer momento.

Milene Dheise Mendes Rodrigues, residente no endereço: Folha 28, Quadra 04, Lote 03 D, Nova Marabá/Pará. Número para contato: (91)98100-0656, bem como pelo e-mail: milenemendes@unifesspa.edu.br;

#### AUTORIZAÇÃO DO PARTICIPANTE

Eu, \_\_\_\_\_

Concordo em participar voluntariamente, do estudo citado acima uma vez que fui devidamente informados e esclarecidos pela pesquisadora responsável sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação.

Marabá, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2022

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA ESTUDANTES PARTICIPANTES DE PESQUISA DE CAMPO PARA TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ.**

GRADUANDA: MILENE DHEISE MENDES RODRIGUES

AO (A) ESTUDANTE (A) **ADRIANA PEREIRA DE OLIVEIRA NETA**, você está sendo convidada para participar, como voluntária da Pesquisa: Entrevista a respeito da formação docente em Pedagogia e as particularidades ocorridas no processo de Formação. A ser desenvolvida pela discente **MILENE DHEISE MENDES RODRIGUES**, graduanda do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, que está sob a orientação do prof. Dr, Tiese Rodrigues Teixeira jr. E-mail: [tiese@unifesspa.edu.br](mailto:tiese@unifesspa.edu.br) A pesquisa se desenvolverá dentro de uma abordagem qualitativa e apresenta como objetivo as experiências do discente de Pedagogia. Nesta pesquisa de TCC, pretende-se responder à pergunta de pesquisa: Quem é o estudante de Pedagogia da Unifesspa e quais suas inferências? Sua participação auxiliará na obtenção de dados que poderão ser utilizados para fins científicos proporcionando maiores informações e discussões que podem trazer benefícios para a área da Educação no Município de Marabá. A discente se compromete em cumprir todos os procedimentos éticos em uma produção científica, para isso alguns cuidados quanto a sua participação serão tomados:

1. Caso queira desistir da pesquisa, você poderá retirar seu consentimento, a qualquer momento. Sua recusa em participar não trará nenhum prejuízo em sua relação com as responsáveis pela pesquisa ou com a instituição ao qual está vinculada.
2. Os dados da pesquisa são confidenciais, portanto o seu nome em nenhum momento será citado na publicação dos resultados, pois, serão utilizados nomes fictícios com o cuidado devido, para que você não seja identificado.
3. O procedimento não causará danos algum à integridade do participante ou da Instituição a qual trabalha, sendo assegurado o sigilo sobre sua participação e do local.
4. Não haverá custos ou ganhos financeiros e nem riscos quanto a sua participação na pesquisa. Você receberá uma cópia deste termo, onde constam

telefone e o endereço do pesquisador principal, podendo tirar suas dúvidas sobre a pesquisa e a sua participação, a qualquer momento.

Milene Dheise Mendes Rodrigues, residente no endereço: Folha 28, Quadra 04, Lote 03 D, Nova Marabá/Pará. Número para contato: (91)98100-0656, bem como pelo e-mail: milenemendes@unifesspa.edu.br;

#### AUTORIZAÇÃO DO PARTICIPANTE

Eu Adriana Pereira de Oliveira Neto

Concordo em participar voluntariamente, do estudo citado acima uma vez que fui devidamente informados e esclarecidos pela pesquisadora responsável sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação.

Marabá, 19 de Abril de 2022

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA ESTUDANTES PARTICIPANTES DE PESQUISA DE CAMPO PARA TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ.**

GRADUANDA: MILENE DHEISE MENDES RODRIGUES

AO (A) ESTUDANTE (A) **BEPAKA XIKRIN**, você está sendo convidado para participar, como voluntário da Pesquisa: Entrevista a respeito da formação docente em Pedagogia e as particularidades ocorridas no processo de Formação. A ser desenvolvida pela discente **MILENE DHEISE MENDES RODRIGUES**, graduanda do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, que está sob a orientação do prof. Dr, Tiese Rodrigues Teixeira jr. E-mail: [tiese@unifesspa.edu.br](mailto:tiese@unifesspa.edu.br) A pesquisa se desenvolverá dentro de uma abordagem qualitativa e apresenta como objetivo as experiências do discente de Pedagogia. Nesta pesquisa de TCC, pretende-se responder à pergunta de pesquisa: Quem é o estudante de Pedagogia da Unifesspa e quais suas inferências? Sua participação auxiliará na obtenção de dados que poderão ser utilizados para fins científicos proporcionando maiores informações e discussões que podem trazer benefícios para a área da Educação no Município de Marabá. A discente se compromete em cumprir todos os procedimentos éticos em uma produção científica, para isso alguns cuidados quanto a sua participação serão tomados:

1. Caso queira desistir da pesquisa, você poderá retirar seu consentimento, a qualquer momento. Sua recusa em participar não trará nenhum prejuízo em sua relação com as responsáveis pela pesquisa ou com a instituição ao qual está vinculada.
2. Os dados da pesquisa são confidenciais, portanto o seu nome em nenhum momento será citado na publicação dos resultados, pois, serão utilizados nomes fictícios com o cuidado devido, para que você não seja identificado.
3. O procedimento não causará danos algum à integridade do participante ou da Instituição a qual trabalha, sendo assegurado o sigilo sobre sua participação e do local.
4. Não haverá custos ou ganhos financeiros e nem riscos quanto a sua participação na pesquisa. Você receberá uma cópia deste termo, onde constam telefone e o endereço do pesquisador principal, podendo tirar suas dúvidas sobre a pesquisa e a sua participação, a qualquer momento.

Milene Dheise Mendes Rodrigues, residente no endereço: Folha 28, Quadra 04, Lote 03 D, Nova Marabá/Pará. Número para contato: (91)98100-0656, bem como pelo e-mail: milenemendes@unifesspa.edu.br;

#### AUTORIZAÇÃO DO PARTICIPANTE

Eu     Bepaka Zikrin    

Concordo em participar voluntariamente, do estudo citado acima uma vez que fui devidamente informado e esclarecido pela pesquisadora responsável sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação.

Marabá, 21 de Abril de 2022.

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA ESTUDANTES PARTICIPANTES DE PESQUISA DE CAMPO PARA TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ.**

GRADUANDA: MILENE DHEISE MENDES RODRIGUES

AO (A) ESTUDANTE (A) **VALÉRIA CRISTINA COSTA FERREIRA**, você está sendo convidada para participar, como voluntária da Pesquisa: Entrevista a respeito da formação docente em Pedagogia e as particularidades ocorridas no processo de Formação. A ser desenvolvida pela discente **MILENE DHEISE MENDES RODRIGUES**, graduanda do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, que está sob a orientação do prof. Dr, Tiese Rodrigues Teixeira jr. E-mail: [tiese@unifesspa.edu.br](mailto:tiese@unifesspa.edu.br) A pesquisa se desenvolverá dentro de uma abordagem qualitativa e apresenta como objetivo as experiências do discente de Pedagogia. Nesta pesquisa de TCC, pretende-se responder à pergunta de pesquisa: Quem é o estudante de Pedagogia da Unifesspa e quais suas inferências? Sua participação auxiliará na obtenção de dados que poderão ser utilizados para fins científicos proporcionando maiores informações e discussões que podem trazer benefícios para a área da Educação no Município de Marabá. A discente se compromete em cumprir todos os procedimentos éticos em uma produção científica, para isso alguns cuidados quanto a sua participação serão tomados:

1. Caso queira desistir da pesquisa, você poderá retirar seu consentimento, a qualquer momento. Sua recusa em participar não trará nenhum prejuízo em sua relação com as responsáveis pela pesquisa ou com a instituição ao qual está vinculada.
2. Os dados da pesquisa são confidenciais, portanto o seu nome em nenhum momento será citado na publicação dos resultados, pois, serão utilizados nomes fictícios com o cuidado devido, para que você não seja identificado.
3. O procedimento não causará danos algum à integridade do participante ou da Instituição a qual trabalha, sendo assegurado o sigilo sobre sua participação e do local.
4. Não haverá custos ou ganhos financeiros e nem riscos quanto a sua participação na pesquisa. Você receberá uma cópia deste termo, onde constam

telefone e o endereço do pesquisador principal, podendo tirar suas dúvidas sobre a pesquisa e a sua participação, a qualquer momento.

Milene Dheise Mendes Rodrigues, residente no endereço: Folha 28, Quadra 04, Lote 03 D, Nova Marabá/Pará. Número para contato: (91)98100-0656, bem como pelo e-mail: milenemendes@unifesspa.edu.br;

#### AUTORIZAÇÃO DO PARTICIPANTE

Eu, Valéria Cristina Costa Ferreira

Concordo em participar voluntariamente, do estudo citado acima uma vez que fui devidamente informados e esclarecidos pela pesquisadora responsável sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação.

Marabá, 19 de Abril de 2022